

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA
KARINA CERVI SANTOS

**EXPERIÊNCIAS DO TEMPO:
REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ALMA**

CURITIBA

2010

KARINA CERVI SANTOS

12 11 11

**EXPERIÊNCIAS DO TEMPO:
REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ALMA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

ORIENTADORA: Renata Cunha Wenth

CURITIBA

2010

TERMO DE APROVAÇÃO
**EXPERIÊNCIAS DO TEMPO
REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ALMA**

Por

KARINA CERVI SANTOS

MONOGRAFIA APROVADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA, CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, PELA COMISSÃO FORMADA PELOS PROFESSORES.

ORIENTADOR:

Prof.^(a) (RENATA CUNHA WENTH)

Prof.^(a) Dr.^(a) (JUSSARA MARIA WEIGERT JANOWSKI)

Prof.^(a) (NÉLIO PEREIRA DA SILVA)

CURITIBA, 02 de Outubro de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todos que confiaram, incentivaram e me apoiaram nesta caminhada, que foi repleta de descobertas, conquistas, e uma extrema satisfação em refletir sobre um tema que me influencia tanto.

À minha família, razão do meu viver: meu pai Abelardo, pelo ensino da perseverança, honestidade, caráter e força; minha mãe Cristina, meu continente, coração maior que o mundo; meu irmão Guilherme, pela escuta compreensiva, parceria e amor incondicional.

Aos meus queridos amigos, de todas as partes do mundo, que compartilham a vida, mostrando que “este mundo, segundo se diz, é como uma teia de pérolas, arranjadas de tal forma que, se olhando uma delas, vê-se todas as outras nela refletidas”.

Aos meus colegas de curso, que compartilharam suas experiências e conhecimentos, me fazendo ainda mais interessada pelo mundo Junguiano.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a consolidação deste trabalho e que me auxiliaram na concretização do meu sonho de conquistar mais essa etapa.

"O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis." (Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os professores que tive durante o curso de Pós Graduação da PUC/PR no ano de 2009 e 2010. Todos que contribuíram para a construção do conhecimento, me apresentando ao mundo da Psicologia Analítica e acompanhando meu desenvolvimento pessoal. Sou imensamente grata pela possibilidade de compartilhar práticas, refletir sobre aspectos profissionais, pela abertura e contribuição de cada um que enriqueceu minha alma em cada encontro que tivemos.

Agradeço em especial a minha orientadora Renata Cunha Wenth, que de forma acolhedora e firme, me incentivou a desenvolver este trabalho, sempre com tolerância e amorosidade, dispondo do seu tempo cronológico e interno, compartilhando suas experiências, respondendo às minhas inquietações e respeitando meu tempo de maturação para produzir.

A outros professores, em especial, professor Nélio Pereira da Silva, que me acolheu inicialmente e me ensinou a importância de abrir mão de algo para dar passagem para o novo nascer. A Juliano Maluf Amui, meu primeiro mestre Junguiano e hoje companheiro de caminhada.

Aos meus queridos amigos e companheiros do curso, pela escuta, ombro amigo, discussões, festas e trocas constantes. Em especial, os meus colegas mais próximos que dividiram suas experiências e me incentivaram sempre. Obrigada, vocês são muito especiais!

E a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização desse projeto.

SUMÁRIO

<u>ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA.....</u>	<u>1</u>
<u>KARINA CERVI SANTOS.....</u>	<u>2</u>
<u>CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO DO TEMPO.....</u>	<u>12</u>
<u>CAPÍTULO 2: O TEMPO NA HISTÓRIA.....</u>	<u>26</u>
<u>CAPÍTULO 3: A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE.....</u>	<u>31</u>
<u>CAPÍTULO 4: A CONSTRUÇÃO DO TEMPO INTERNO.....</u>	<u>53</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>75</u>
<u>ANEXOS.....</u>	<u>79</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>83</u>

RESUMO

Título do trabalho: "Experiências do Tempo: Reflexões sobre Tempo e Alma"

A temática do tempo sempre fez parte das conversas e questionamentos humanos. Este estudo é caracterizado como um levantamento teórico reflexivo, com o objetivo de revisar a literatura compreendendo como o ser humano experiencia o tempo e como isso pode estar a serviço de um processo de transformação interno. O tempo pode ser compreendido como tempo cronológico (linear), tempo Aion (circular) e tempo Kairós (oportuno). Pensadores sempre questionaram a relação que o homem estabeleceu com o tempo no decorrer da história, seja o tempo caracterizado como passagem, com caráter cíclico, como algo que remete a alma, algo ligado a existência e as divindades. Através da reflexão do tempo na história compreende-se como a contemporaneidade lida com o tempo, como a sociedade ocidental pode ser caracterizada como imediatista, de consumo, do "fast", da exigência de viver no "slow" e como o tempo influencia os quadros psicopatológicos, assim como é experienciado na psicoterapia. Construir o tempo interior é saber lidar com as nuances, pois o tempo é arquetípico. É saber que há um tempo simbólico, mítico, sagrado, profano, um tempo nas relações, um tempo para Ter e Ser, para o sucesso e fracasso, isso porque a alma é simbólica. Aquele que respeita seu tempo interno é mobilizado a aceitar as mudanças da vida como o luto antecipatório, morte e encontro com o vazio. Carecemos aprender a lidar com o tempo, com o tempo interno. É experienciar o tempo como um processo, o desfrutar de um caminho e não uma meta. Só assim o tempo estará a serviço das transformações internas.

Palavras-chaves: Tempo, Chronos, Aion, Kairós, Tempo Interno.

ABSTRACT

Paper Title: "Experiences of Time: Reflections on Time and Soul."

The theme of time has always been part of conversations and People's questions. This study is characterized as a theoretical reflection, with the purpose of reviewing the literature for understanding how humans experience time and how this can be service in a process of internal transformation. Time can be understood as chronological time (linear), Aion time (circular) and Kairos time (course). Philosophers always questioned the relationship that man has established over time throughout history, be characterized as the time passing, with cyclical, as something that refers to the soul, something on the existence and the deities. Through reflection time in history we understand how to deal with the contemporary time, as Western society can be characterized as immediate, consumption of fast, the requirement to live in the slow time and how time influences psychopathological, and is experienced in psychotherapy. Building interior time has nuances, because the time is archetypal. You know there is a symbolic time, mythical, sacred, profane, a time in relations, a time to have and be, for success and failure, because it is symbolic of the soul. One who respects your time inside is mobilized to accept life changes such as anticipatory grief, and death encounter with the void. We need to learn to deal with time, with the internal time. You experience time as a process, enjoy a journey and not a goal. Only this time will be at the service of internal changes.

Key Words: Time, Chronos, Aion, Kairos, Internal Time.

INTRODUÇÃO

A temática do tempo sempre fez parte das conversas e questionamentos humanos. Direta ou indiretamente o assunto se faz presente, seja através de diálogos informais, seja em situações de reflexão e compreensão diante da influência que ele exerce. Diante de um mundo acelerado, caracterizado pelo *fast*¹, a velocidade e o processamento das coisas obrigam as pessoas a reclamarem do ritmo estabelecido.

O estudo da temática da experiência do tempo surge do interesse pessoal em compreender as alterações internas diante da pressão deste mundo externo e interno, seja ele favorável ou não. Compreender como o tempo possibilita que as pessoas experienciem os diversos tipos de tempo, construam um tempo interior principalmente perante acontecimentos de pausas, silêncio pequenas perdas, luto e morte. Corroboro minhas ânsias reflexivas com as idéias de Rocha Filho e Einloft² (2006) que disseram: “o tempo não é o que parece, e buscar seus segredos também é buscar a verdade do universo, tarefa implícita de todas as formas de vida, incansavelmente dedicadas a conhecer mais e mais” (p. 67). E ainda, com Canabrava³ (2008) que em seu artigo: “A recusa do tempo e suas implicações na subjetividade” diz que refletir sobre o tempo é refletir sobre a vida e sobre possíveis aberturas para um novo acionar na vida.

Lidar com o tempo desperta a curiosidade humana pelo autoconhecimento, porque nos obriga a rever a forma como vivemos este tema fazendo com que o homem busque reflexão e análise para se re-ligar aos valores éticos, a essência, a matriz primordial, a alma. O tempo pode influenciar o homem, assim como a ação do homem pode alterar a sensação da passagem do tempo. O transcorrer natural do tempo existe, entretanto são as experiências com o tempo que determinam como as pessoas lidam com ele.

Surge a partir disto o seguinte questionamento: como o ser humano experiencia o tempo e como isso pode estar a serviço de um processo de transformação interno?

¹ Fast tem origem na palavra inglesa, que significa “rápido”. Termos como *fast-food*, *self-service*, globalização; denotam as características contemporâneas da relação do homem com o mundo, em um tempo de velocidade e agilidade.

² João Bernardes da Rocha Filho é Mestre em Educação e Doutor em Engenharia. Professor da faculdade de Física da PUCRS. Especialista em Psicossomática e Metodologia do Ensino. Eunice de Faria Einloft é Psicóloga clínica de orientação Junguiana. Especialista em Psicooncologia.

³ Membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, psicanalista, professora e Doutora.

A partir deste questionamento nasce a abertura para lidar melhor com o tempo externo – ritmo de vida estabelecido pela sociedade – e o tempo interno – estabelecido pelo ritmo individual de cada ser, como um tempo de despertar; é o nascimento da reflexão.

Como reflexão compreendo um curvar-se, um inclinar-se para trás, no sentido de que um instinto pode ser interrompido quando, a partir de uma reflexão, uma interferência é produzida contendo o impulso de agir desviando este estímulo para uma atividade endopsíquica, antes de descarregar no mundo exterior. Assim reflexão é um voltar-se para dentro, em que surge uma nova sucessão de conteúdos e estados que são diferentes das reações instintivas (Jung, 2009, p. 53-54, § 241).

Através deste estudo pretendo refletir sobre a experiência do tempo na história e na contemporaneidade; conceituar epistemologicamente o tempo; confabular sobre o tempo interno e compreender como este é experienciado e vivenciado principalmente durante momentos de luto e morte.

Confabular sobre o tempo permite que as pessoas se coloquem diante de si próprias, e que a partir do autoconhecimento possam transformar a realidade buscando viver harmonicamente em seu tempo e espaço.

Este estudo é caracterizado como um levantamento teórico reflexivo, baseado em bibliografias sobre a temática do tempo, assim como outros subtemas relacionados ao assunto principal.

Com o objetivo de revisar a literatura, foram efetuadas duas etapas de pesquisa bibliográfica.

A primeira etapa foi caracterizada pela busca bibliográfica em meios digitais, com a finalidade de conseguir artigos nacionais que referenciassem o tema. Os principais sites consultados foram: SCIELO (www.scielo.br/), RUBEDO (www.rubedo.com.br/), SYMBOLON (www.symbolon.com.br/), UNICAMP (<http://libdigi.unicamp.br/>), USP (<http://www.teses.usp.br/>) e BIREME (<http://www.bireme.br/php/index.php>), onde foram feitas investigações em artigos científicos recentes.

Nesta procura foram utilizadas as seguintes palavras-chave: tempo, tempo interno, tempo externo, *Kairós*, *Chronos*, psicologia analítica e o tempo,

psicopatologia, luto e morte. A partir desta pesquisa foi possível encontrar fontes originais para aprofundamento do assunto.

Em uma segunda etapa, houve uma busca por obras de diversos autores da psicologia analítica que abordam o assunto. Os livros foram pesquisados nas seguintes bibliotecas: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/ PR), Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR), Biblioteca Pública do Estado do Paraná; além da compra de títulos e empréstimos de colegas e professores.

A partir destas pesquisas e diversas discussões com colegas, supervisores, e amantes da psicologia analítica, surgiu a estrutura deste estudo, e a motivação de desenvolver uma nova perspectiva teórica para o diálogo sobre a experiência do tempo.

A partir deste levantamento, o estudo divide-se em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo introduz a temática, expõe a conceituação de tempo em diferentes nuances: tempo cronológico, tempo Aion e tempo Kairós.

O segundo capítulo apresenta diferentes perspectivas filosóficas da temática na história.

O terceiro capítulo é uma reflexão sobre como a contemporaneidade lida com o tempo, as psicopatologias e a relação com o tempo e a importância do tempo na psicoterapia.

No quarto e último capítulo, retomando o primeiro capítulo, confabulo sobre os diferentes tempos que também compõem o tempo interior de cada indivíduo e como ele é desenvolvido.

Ao final são apresentadas considerações finais que colocam reflexões sobre o tema abordado.

CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO DO TEMPO

"Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta."
(Chico Xavier).

O homem compreende subjetivamente seu lugar no mundo de acordo com o tempo e o espaço. Todos sabemos que somos regidos por um tempo, um tempo linear, cronológico, que nos insere na realidade. Entretanto, assim como o mundo externo cada ser também possui um tempo interno que é regido por seu próprio ritmo, tal qual Eclesiastes. Um tempo de viver, um tempo de morrer. Um tempo:

"Há, para todas as coisas, um tempo determinado por Deus, e há tempo para todo propósito debaixo do Céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de colher o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz" (Eclesiastes 3:1-8).

De acordo com o Dicionário Larousse (Klimes, 1992) o tempo é "uma noção fundamental concebida como um meio infinito no qual os acontecimentos se sucedem" (p. 1079). Já o dicionário Aurélio (Ferreira, 2004) é mais específico na conceituação de tempo no sentido de que ele é "a sucessão dos anos, dos dias, das horas, entre outros, que envolve para o homem a noção de presente, passado e futuro" (p. 1930). Tempo aqui é definido pelos autores como uma sequência lógica, em que os fatos da vida são compreendidos por uma ordem de acontecimentos cronológicos, onde um ação acontece após a outra.

A palavra cronologia possui origem grega em *chronos* que é definido como o tempo; e *logos* como estudo, ou seja, a sequência, a organização do tempo. Dentro desta terminologia, existe uma diferenciação entre *Chronos* (*Χρόνος*) e *Cronos* (*Κρόνος*). *Chronos* é um termo geral que significa alguma coisa relativa ao tempo; assuntos relativos à temática do tempo; já *Cronos* é uma das personificações do deus grego, que personifica o tempo. *Cronos* é filho do Titã Urano (que é o Céu) casado com *Rhéa*, e pai de Zeus. Ambos os conceitos são semelhantes, porém etimologicamente diferentes, o que dificulta a distinção entre os termos (Brandão, 2002).

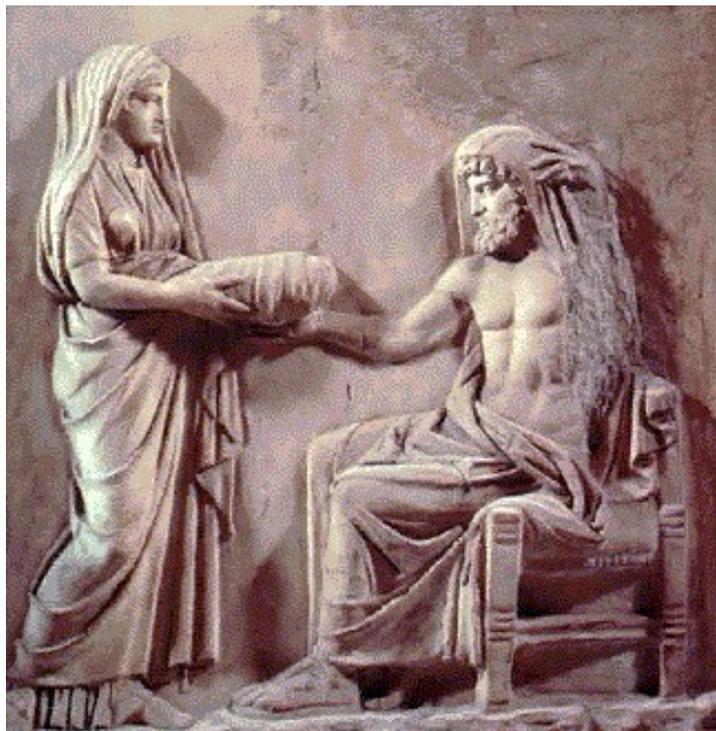


Imagem de Cronos e Rhéa
(fonte: timelessmyths.com)

Wenth (2005) em seu texto “Alquimia: a arte do tempo” ressalta que este tempo cronológico é linear, ou seja, é caracterizado por um fluxo, como um tempo irreversível, onde os ponteiros do relógio marcam um tempo específico, um tempo que pára ou acelera (p. 90). A autora acrescenta que o tempo cronológico é finito, com passagens e transformações direcionadas a uma meta. Ademais é irreversível, porque remete a metamorfose, ao envelhecimento (p. 91).

O autor Junguiano Stein (2007) autor de “No meio da vida” define o tempo cronológico como tempo Diacrônico. Este tempo organiza os fatos numa seqüência linear produzindo uma seqüência de eventos colocados pela causalidade, como se a vida possuísse uma seqüência desenvolvimentista, com degraus e estágios, onde os primeiros causam os seguintes, e estes os posteriores. O autor ao refletir sobre este tempo, diz que este “promove uma visão distanciada do fenômeno, uma impressão objetiva, muito diferente da experiência em si mesma” (p. 65).

Stein (1979) reflete sobre Cronos na mitologia grega, trazendo que Urano, Cronos e Zeus não são somente deuses, mas são dominadores, reais, governantes indiscutíveis, como pais devoradores. Urano (céu), considerado o mais feroz dos

três, não devora seus filhos diretamente, mas obriga-os a voltar para o seio da mãe (voltar para mãe é voltar à Gaia que tem o significado de terra, matéria), aprisionando-os a condição material. Assim, seus descendentes são seres inconscientes e encapsulados à matéria do cotidiano e da monotonia.

Cronos é o filho de Urano que trava uma batalha sangrenta contra o pai. Quando nasciam os filhos Urano devolvia-os ao seio materno, temendo ser destronado por eles. Geia esposa de Urano resolve libertar os filhos e solicita a eles que se vinguem do marido. Todos se recusavam exceto o caçula Cronos que odiava o pai. Com uma foice Cronos salta do ar e derruba o pai, possibilitando que os irmãos escapem e assim o castra.

Com o pai castrado Cronos se torna o portador do novo espírito devorador compreendendo que instintivamente os filhos destroem os pais, como um mito de mudança. Cronos ao tomar o trono do pai provoca a separação da rainha mãe (Geia). Nasce uma nova era: “a da foice ou do curvo pensar”. Esta era representa a temporalidade que pode nos consumir em um pensamento que, ao invés de criar e construir dá várias voltas sem atingir a nada.

Cronos casou-se com Rhéa e a medida que os filhos iam nascendo passou a engolir-los pelo medo deles. Entretanto, Cronos é enganado pela própria esposa Rhéa, que personificada pelo arquétipo da Grande Mãe protetora, dá a Cronos uma pedra recoberta por um cobertor. Junto à pedra está a criança real Zeus, para que Cronos o leve para uma caverna secreta em Creta para ser cuidado. Cronos de imediato tentou engolir-lo, mas acaba devorando a pedra. Com esta atitude Rhéa rompe com o ciclo de Cronos fazendo com que o caçula Zeus - filho revolucionário - se diferenciasse do pai.

Esta ordem cíclica passa a ser espiralada no sentido de que novas características são adquiridas por Zeus. Por sua vez, Zeus possui alguns traços do pai. Casa-se com Métis e para protegê-la coloca-a no estômago devorando junto com ela “os filhos potenciais”. Ele mesmo é quem dá a luz a própria filha Atenas. Ao contrário do pai e do avô, Zeus trata muito bem e se preocupa com os filhos. Tinha o supremo governo do mundo e zelava pela ordem e a harmonia nas coisas. Depois de ter destronado o pai dividiu com os irmãos o domínio do mundo.

Analisando a mitologia, a pessoa tomada pelo deus Urano possui rebaixamento de consciência e pobreza de introspecção, os conceitos coletivos são passados inconscientemente e a produção psíquica criativa é provinda da mãe (terra).

Sob a influência de Cronos a pessoa fica conscientemente ligada às atitudes e valores do mundo externo, sentindo os conteúdos inconscientes como ameaçadores. Por outro lado, Cronos carrega consigo um aspecto de transformação, pois ele é associado ao Geron (que é tudo o que envelhece), que nada mais é do que o rio da vida que termina na morte (Ulson, 2008, p. 9).

A consciência caracterizada pela influência de Zeus é mais flexível e suficiente para integrar todas as idéias revolucionárias. Com Zeus a consciência é capaz de conter, tolerar e deixar viver, entretanto essa estabilidade também tem certo preço: a quebra da mudança revolucionária filho contra pai.

A filosofia de Heráclito (540 a.C. - 470 a.C.) ressalta Cronos, no sentido do “vir a ser”, pois para ele tudo é movimento e nada pode permanecer estático, portanto tudo pode “vir a ser” ou “devir”, pois a mudança acontece em todas as coisas e sempre é uma alternância entre contrários. Podemos entender que o tempo de Cronos é o tempo do ego, que está associado à morte, pois ele é quem está relacionado ao “vir a ser”⁴, separando os humanos do mundo dos deuses.

Refletindo sobre a mitologia descrita, pode-se destacar a ação de Cronos no tempo do ego. O tempo do ego é um tempo medido, datado, um tempo cronológico. Ele é construído de acordo com a realidade externa, conforme estruturação do ego durante o desenvolvimento. No decorrer da história da humanidade foram inventados símbolos que se tornaram universais, reguladores do tempo egóico.

O tempo do ego pode possuir uma perspectiva unilateral, pois divide o tempo de acordo com a necessidade de organização do homem, de adequar a realidade como meio de sobrevivência. Por isso, o tempo do ego é extremamente importante para situar a pessoa em seu espaço e tempo, pois a padronização permite um maior comprometimento do homem com sua história e o tempo. Este é o tempo do relógio, dividido em segundos, minutos e horas, assim como a divisão do tempo em dias,

⁴ Termo utilizado por Heráclito para explicar o tempo como mutação das coisas.

meses e anos, por exemplo. O tempo assim passa a ter uma característica concreta, sólida.

Relacionando o aspecto devorador de Cronos presente no mito, com a presença de Chronos, como organizador do tempo, observo empiricamente a ação do tempo em pacientes internados nos serviço de Transplante de Medula Óssea do Hospital de Clínicas, em Curitiba/PR. Como atuo profissionalmente neste serviço desde 2007, observo que nas pré-consultas, quando fazemos um trabalho de acolhimento para redução da ansiedade, desmitificando os processos, explicando etapas do tratamento, aproximando a equipe do paciente e familiares; os pacientes são informados que a partir do dia do transplante (denominado dia zero) eles terão que ficar pelo menos 100 dias na cidade de Curitiba/PR (anexo 1). Esse procedimento é necessário porque os cuidados no pós transplante devem ser encarados seriamente para não ocorrer nenhuma intercorrência/ reincidência.

Observa-se que se os pacientes recebem alta antes destes 100 dias, conseguem de alguma forma manter-se motivados e “controlar” as angústias, porque ainda estão dentro de um período cronológico conforme expectativa criada é a ação de Chronos com aspecto organizador da psique. Contudo, os pacientes que tiveram intercorrências durante o tratamento, e tiveram que permanecer por mais tempo na cidade sob cuidados médicos; ficam mais desmotivados, perdendo muitas vezes a esperança de vida. Nesse sentido, a ação de Chronos pode ser observada, como devoradora, no sentido de pressionar a subjetividade de pacientes e familiares. É a influência do tempo fazendo com que as pessoas “cansem” de viver.

Dentre as atividades humanas, podem-se destacar como exemplo do tempo linear, atividades ligadas à indústria, comércio, e navegação. Todas estas atividades estão ligadas a prática seqüencial de produção, armazenamento e entrega. São padrões fixos de atividade, onde o tempo seqüencial organiza a ordem dos acontecimentos. Assim como a análise também.

A relação do tempo como algo cronológico, linear pode também ser encontrado na figura de Tétis – em outro mito grego - uma analogia do tempo como algo linear, já traçado como o destino. Este mito apenas exemplifica o passar do tempo e a ação do destino, não há um relação direta como o tempo, mas na simbologia presente nele encontramos elementos relativos ao tempo.

No mito, Tétis é a personificação da fecundidade da água, do mar, que alimenta os corpos e forma a seiva da vegetação. Tétis é a deusa do mar, Filha de Urano (céu) e Gaia (terra). Por ser a deusa do mar ela também é conhecida por ser a matéria prima de todos os corpos. A beleza dela é estonteante, atravessa o mar em um transporte em formato de concha de marfim, puxado por dois cavalos-marinhos que flutuam sobre as superfícies das águas. Casou-se com seu irmão Oceano e foi mãe de três mil rios e três mil ninfas (as Oceânidas). Na astrologia ela é relacionada ao astro Saturno.

Em muitas versões ela é representada como a neta Tétis, que era uma das nereidas, e tinha o mesmo nome. Esta filha de Nereu (terra e céu) e Dóris (mar). Em uma das versões da mitologia, a neta Tétis foi criada por Hera. Zeus e Poseidon a desejavam por sua beleza, entretanto souberam pelo oráculo que caso ela se casasse com um deus, seu filho iria ser mais poderoso que seu próprio pai; foi então convencida a casar com o neto de Zeus, Peleu. Como não era do desejo dela casar-se com ele, ela se transformou em diversos elementos para fugir dele, porém ele a seguiu fazendo-a voltar à forma natural. Casaram-se na presença de todos os deuses e musas do Olimpo. Tiveram sete filhos, e Tétis purificava-os com fogo. Entretanto, o marido Peleu interferiu na purificação do sétimo filho, Aquiles. Tétis abandonou-os e retornou para as águas do mar. Peleu protegeu Aquiles durante toda a vida, mas posteriormente morreu na guerra de Tróia conforme o destino havia sido traçado.

Em ambas as versões de Tétis como deusa e como nereida pode-se observar o poder e a relação delas com a profecia já estabelecida, ou seja, a ação, o fluir do tempo. A água, simbolicamente, tem um percurso já pré-destinado, o destino norteia, organiza as terras/águas. Como nereida, Tétis, já estava destinada a casar-se com Peleu e ser mãe de Aquiles, representando também situações delimitadas do tempo, o destino. “A idéia de tempo também se liga à idéia de destino e livre arbítrio. É como se houvesse um plano divino para cada um de nós e que Deus deixasse sua obra para ser completa por cada um” (Ulson, 2008, p. 17).

Na mitologia de Tétis pode-se observar a ação do tempo não apenas como uma representação do tempo cronológico, do passar, do destino, mas encontramos a simbologia do tempo através dos elementos da água e do fogo. O tempo pode ser

simbolizado de diversas formas, tanto por elementos naturais, como por objetos (relógio, ampulheta), figuras, elementos químicos (enxofre), entre outros.

Os símbolos enquanto fenômenos psíquicos são representações de sentimentos e pensamentos que nos tocam no nível de emoção ou idéias. É como um envolver-se em um mundo buscando um sentido, uma realidade que contém inúmero significados pessoais e coletivos. Experimentar os símbolos é como permitir uma “suspensão” do sentido de uma imagem, por exemplo, que posteriormente elucida uma situação tendo a capacidade de avançar em um curso modificado. São as possibilidades que se ampliam ao entrar em contato com o símbolo, algo externo revela algo interno e vice-versa. Rafaelli (2002), doutor em Psicologia pela UFSC⁵, comenta que “o processo simbólico não é um fato meramente intelectual, alegórico, mas antes um mediador entre os conteúdos inconscientes e a consciência. Além disso, o símbolo propicia o desenvolvimento do auto-conhecimento, pois sintetiza toda uma experiência de vida pessoal dentro de uma representação ou imagem analógica, que pode ser interpretada analiticamente” (p. 4).

O símbolo da água, por exemplo, é, conforme Von Franz (1997) menciona, símbolo de energia cósmica, assim como uma medida para medir o tempo, tal qual o mercúrio e a areia. Já em 100 a.C. gregos e romanos utilizavam o relógio d’água para cronometrar e limitar os discursos nos tribunais de Justiça. O fogo também era utilizado para medir o tempo. Foram os chineses (descobridores da pólvora) que mais utilizaram este recurso.

O enxofre é reconhecido como uma substância de transformação, impulsionadora da consciência, e, desta forma, representante da ação transformadora do tempo, como o amarelamento de uma obra, tal qual a obra alquímica descrita por Jung como analogia ao processo de individuação.

Até agora vimos o tempo como passagem, o tempo cronológico, mas o tempo além de linear, como o passar das horas, pode ter caráter cíclico. Neste sentido ele é infinito, eterno, imortal, divino. Este tempo é baseado no movimento e nas mudanças. Para Ulson (2008) na “Vivência do Tempo na Terapia” este tempo pertence ao tempo das idéias denominado de Aion. Aion corresponde ao ser de Parmênidas (530 a.C. - 460 a.C.), que acreditava que as mutações são puras

⁵ Universidade Federal de Santa Catarina (SC/ Brasil).

ilusões, pois o ser, que é eterno, possui uma imobilidade no mundo, sendo desta forma um ser uno, imutável. Aion é o tempo do Self, da totalidade psíquica, do Inconsciente coletivo, da filosofia, do mundo dos arquétipos. Aion possui características de *Ageron*, que é aquele que não envelhece, que não sofre a ação do tempo.

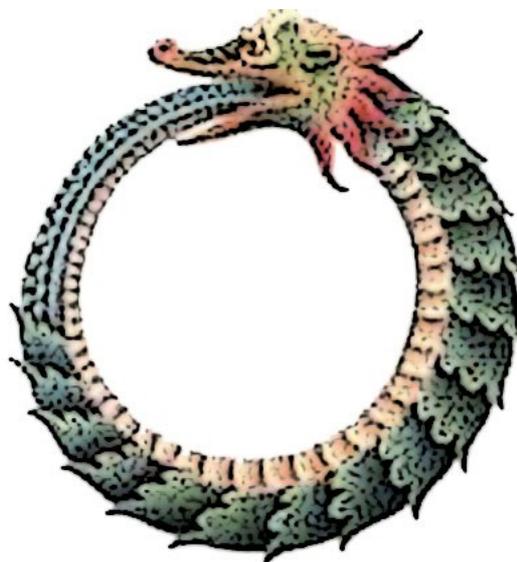
Ulson (2008) ressalta ainda que Aion também é um volume das Obras Completas de Jung, que fala sobre uma interpretação arquetípica em nossa era cristã, onde vivemos imersos num inconsciente coletivo que exerce um poder determinístico sobre nós; por isso tal conceito também está atrelado à idéia de destino (p. 18).

Barcellos (2008) em um ensaio sobre “Tempo e Alma nos Quatro Quartetos de T.S. Elliot” reflete sobre o tempo cíclico diante do último quarteto de Elliot – *Little Gidding* que diz: “O que chamamos de princípio, é quase sempre o fim; e alcançar um fim é alcançar um princípio; fim é o lugar de onde partimos” (p. 53). Este trecho reflete a temporalidade cíclica conduzindo a uma temporalidade, onde começo e fim são indefinidos.

Simbolicamente o tempo cíclico pode ser representado por mandalas, por figuras circulares contendo os opostos, pelo rio, mar, mudança de estações que se repetem, pela rosácea, entre outros.

A mandala é a imagem de um círculo giratório como algo constante, de um ir e vir, de um infinito. É um símbolo do Self, da totalidade onde o centro é o foco de intensidade dinâmica que contém os opostos, local este de condensação e coexistência integrada. Em movimento do interior para o exterior, as forças opostas vão da unicidade à multiplicidade, do não-manifestado para o manifestado, do eterno para o temporal. Wenth (2008) fala que o tempo pode ser representado pela imagem de um relógio, como uma mandala, ela comenta: “é como se o tempo em sua totalidade, a imagem do relógio redondo, do *uruboros*⁶, do zodíaco, contivesse em si todas as potencialidades da vida” (p. 90).

⁶ Uroboros: Motivo universal de uma serpente enrolada em um círculo, mordendo a própria cauda. Como símbolo, o uroboro sugere um estado primevo envolvendo escuridão e autodestruição, bem como fecundidade e criatividade potencial. Representa o estágio anterior ao delineamento e separação dos opostos (Dicionário Crítico de análise Junguiana, disponível em www.rubedo.psc.br – acessado em 2010).



Imagens: Mandala e Uruboros
(Fonte: <http://www.arthurimiller.com>)

A rosácea, como símbolo de amor, da imortalidade também expressa a busca de possibilidades de manifestação do tempo, pois, de acordo com Lyra (2005) as mudanças ocorrem em nossas vidas pela necessidade de integrar os contrários, é aí que caímos sob o império do tempo.



Rosa de Paracelso
(Fonte: <http://www.minombresaram.blogspot.com>)

Observa-se a ação do tempo cíclico na passagem das estações do ano: primavera, verão, outono e inverno - tal qual o nome do filme que representa visualmente tais transições. A agricultura é outro exemplo, que com ciclos naturais e rituais anuais de troca de plantio conforme a estação representam a ação do tempo e influência do tempo climático (preparar a terra, semear, aguardar o crescimento e colher). São os aspectos cíclicos em um tempo cronológico, isso porque os tempos atuam dinamicamente ao mesmo tempo.

O tempo cíclico e o tempo Aion correspondem ao tempo do Self, ou seja, são diferentes nomes que correspondem ao tempo do inconsciente, o tempo da totalidade sempre presente. O tempo do Self é caracterizado pela atemporalidade, pela eternidade, a um tempo divino. Ele também é conhecido como tempo Eônico. De acordo com Franz (1997) “Eon é um ser perpétuo que se considerava eterno e pensava-se que não estava submetido ao sofrimento ou à mudança. Se desloca traçando um círculo eterno. [...] Todos os opostos, mudança e permanência e até bem e mal, a vida e a morte, estão incluídos neste princípio cósmico” (p. 14). É o tempo da totalidade, que abrange passado, presente e futuro.

Roberto da Matta, conhecido antropólogo e estudioso brasileiro que sempre aborda em seus temas e discussões, os dilemas e contradições presentes em nosso país. Ao exemplificar as ações dos tempos linear e cíclico dentro das datas festivas no Brasil em seu livro: “Carnavais, malandros e heróis” (1990) comenta que, de acordo com os eventos de Sete de Setembro (independência do Brasil) observamos “uma temporalidade registrada, empírica, que tem um início documentado e que faz parte de um conjunto de momentos críticos da vida brasileira, os quais são vistos como encadeados. Esta temporalidade é marcada pelo sentido de progresso, evolução, e sobretudo, não-repetição⁷”. Em comparação com outra data, o Carnaval, que pode ocorrer sem data marcada entre os meses de Fevereiro e Março, o mesmo autor diz: “o carnaval se situa numa escala cronológica cíclica, que independe de datas fixas”. Assim, o Carnaval constitui uma realização cultural do povo brasileiro representando um tempo divino, de festividade, que focaliza apenas valores

⁷ Neste sentido uma não repetição histórica dos fatos, apenas um comemoração de algo que já passou, do registro histórico.

culturais, sem início constituído na história, apenas vivenciado e transformado conforme a história do povo (p. 44).

Wentz (2005) comenta que na vida psíquica sempre há um jogo entre a temporalidade (tempo do ego) e a atemporalidade (tempo do Self). Existem sentimentos que transcendem o tempo, que são eternos e infinitos porque existe uma percepção do finito. Não há experiência do Self, sem o ego. Por isso quando o tempo cíclico e linear se juntam há uma *Coniunctio*, ou seja, um *Mysterium Coniunctionis*, um *Hierosgamos*, conceitos estes que marcam o momento da junção, ou o casamento dos dois tempos, possibilitando a união dos opostos. É a união daquilo que é particular e único com aquilo que é coletivo e arquetípico (p. 97-98).

A integração dos opostos, assim como qualquer movimento de transformação só é possível se estivermos conectados com um tempo maior, um tempo interior. Entretanto, existe outro tempo, onde é possível a abertura para que a mudança ocorra; é o tempo Kairós. O tempo Kairós ocorre com consciência ou não.

“Embora o homem crie o tempo, ele não o determina, encontrando-se aí a maior das suas contradições: a tensão entre permanência e impermanência, poder e impotência, vida e morte” (Bittencourt, 2005, p. 95). É dentro desta limitação em relação ao tempo e a própria existência, que o ser humano depara-se com o Kairós (vem da palavra grega que significa “momento oportuno”), que é o tempo oportuno da experiência, do fluir da vida, experimentada como energia vital espontânea.

Na mitologia grega Kairós vem da palavra *καιρός*, que é o momento oportuno. Kairós é visto como filho de Zeus e Tyche. Entretanto, Kairós possui diversos significados, o que subentende-se que ele pode estar associado a todos os deuses como manifestação de um ou outro no momento certo. Assim ele é filho de Zeus, mas pode ser uma representação deste. Pode ser a figura de Eros (amor), como a ação deste; assim ele pode ser a personificação e ação do mesmo deus.

Filosoficamente além de ser o “momento certo e oportuno”, ele pode ser compreendido como o momento do tempo eterno, onde tempo e eternidade se unem para serem vividos. Para as religiões Cristãs, Kairós pode ser interpretado como o “momento de Deus”, onde as coisas ocorrerem no tempo certo conforme vontade divina.

Laura Villares de Freitas, docente do Instituto de Psicologia da USP⁸ (2005) define *Kairós*, como o “momento preciso” do tempo. Este é o tempo da experiência, ou seja, o tempo vivenciado como momento único, presente, referenciado na percepção envolvida em uma oportunidade, pela busca do momento adequado, onde a intuição é valorizada.

Freitas (2005) recorda que *Kairós* era também o nome de um dos cavalos da biga⁹ de um herói mitológico grego, que tinha dois cavalos, *Kairós* e *Cronos*. *Cronos* era o cavalo que mantinha o passo, e *Kairós* era o cavalo que, no momento do ataque, puxava a biga. Ao contar esta história descreve-se um momento em que esses dois tempos configuram-se, é o momento da intervenção, da transformação.

Stein (2007) define este encontro pelo “Sincronismo”, ou seja, quando esses dois tempos acontecem juntos, sincronicamente. Para tanto, Stein faz uma diferenciação, utilizando os termos Sincrônico e Diacrônico.

O tempo sincrônico significa o que ocorre ao mesmo tempo. Stein (2007) faz uma analogia de “vagar no deserto” tomando como referência a Bíblia em que os hebreus caminharam por 40 anos no deserto. Ele diz que esse tempo é indefinido, longo, quase que para sempre. Ele acrescenta ser uma aparição de Hermes¹⁰:

“Assim como o inconsciente, que em parte resiste a ser enquadrado em contextos temporais fixos e seqüências causais, e sempre guarda para si uma medida de liberdade para que possa ‘flutuar’ e flunar, para passar através dos buracos de fechadura dos abrigos psicológicos que construímos Hermes e a experiência limiar se manifesta de forma inesperada nos sonhos, fantasias e eventos sincrônicos” (2007, p.66).

Tais eventos são manifestações do tempo *Kairós*.

Von Franz (1997) comenta que em *Kairós* está a coincidência afortunada. E acrescenta que, *Kairós* é um deus alado que deveria ser apanhado rapidamente, em função disso, os antigos gregos apoiavam-se no fio da navalha, onde *Kairós* segurava a balança, e, conforme inclinações, decidia o destino (p. 90).

⁸ Universidade de São Paulo.

⁹ Biga é um carro de duas rodas (semelhante à uma carroça) que é puxado por dois cavalos. Era utilizado na Antiguidade como um carro para o combate.

¹⁰ Na mitologia grega Hermes era o mensageiro dos deuses, considerado um dos 12 deuses do Olimpo. Inicialmente era o deus dos pastores e protetor dos rebanhos, dos cavalos e animais selvagens; mais tarde tornou-se deus dos viajantes. Foi a partir de seu nome que surgiu o termo Hermenêutica que significa interpretar, traduzir. No trecho, Hermes refere-se à linguagem manifestada pelo inconsciente.

Wenth (2008) traz que através de Kairós aprendemos o *Carpe Diem*. Esta é uma expressão em latim que surgiu do poema de Horácio (65 - 8 AC), que pode ser entendida como “aproveite o dia, aproveite o momento”. Pode ser interpretado como uma expressão que solicita ao ouvinte que evite-se gastar ou perder tempo com coisas inúteis; como “viva o presente, sem se preocupar com o futuro”¹¹.

Acredito que Kairós pode ser visto como um momento “ponte” em que é necessário atravessar para enxergar novas situações, que partem de uma situação e tomam uma direção e um sentido diferente. Compreender em que momento ele surge é uma descoberta individual; cada pessoa sente, percebe de alguma forma quando ele está acontecendo. É aquele momento que escutamos no consultório quando os pacientes dizem: “que tudo está conspirando ao meu favor”, no sentido de que as ações feitas, estão sendo realizadas e desenvolvidas no tempo certo.

Resumidamente, o tempo pode ser compreendido de diferentes formas, pois há tempo e “tempos”¹². Mas gosto da definição de Ulson (2008) quando ele diz: “A alma está associada àquilo que anima, e o que anima é o tempo, conferindo movimento. A própria alma está sujeita por outro lado, aos três tempos. Poderíamos falar em Cronos da alma, ao seu aspecto ligado a temporalidade, em Aion, o lado imortal da alma, e, em Kairós, à sincronicidade dos outros dois tempos” (p. 10).

¹¹ Aspas de minha autoria.

¹² Aqui me refiro a outras conotações do tempo, sendo o tempo religioso, tempo mítico, tempo de parada, entre outros, que compõem o tempo interior. Esses tempos serão abordados nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2: O TEMPO NA HISTÓRIA

“Será que é tempo
Que lhe falta para perceber?
Será que temos esse tempo
Para perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara...”
 (“Paciência”: Lenine)

Pensadores e filósofos sempre questionaram a relação que o homem estabelece com o tempo. Foi a partir do tempo cronológico que o homem saiu de um olhar linear de *participation mystique* com a natureza, e partiu para um olhar do sujeito e do objeto (Ulson, 2008, p. 08). Mas esta foi uma construção histórica.

Platão (427 a.C - 347 a.C) percebia o tempo como um processo cíclico, representando a eternidade, em que o mundo se move em movimento eterno, infinito, perpétuo, marcados por períodos positivos, após grandes crises ou períodos de declínio.

Já os filósofos gregos pré-socráticos enxergavam o tempo como medida de movimento. Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) percebia o tempo como uma medida de

movimento, em um aspecto matemático, entre as mudanças ocorridas entre momentos pré-estabelecidos e a passagem do desenvolvimento de uma forma a outra. Tempo é igual a um número de movimento. Portanto, o mundo e o tempo são eternos; a temporalidade está nos movimentos que são passageiros. Para ele o tempo está presente e é pautado no espírito humano; sendo esta percepção com base no movimento astronômico.

Plotino¹³ (205 - 270 d.C.), discordava de Aristóteles no que se referia a “materialidade do tempo”. Ele não concordava que tempo era essa passagem de uma forma a outra, pois este é algo do espírito humano. Para Plotino o tempo estava diretamente relacionado com o “devir”, ou seja, com a incansável corrida do que está por vir, com a mudança em direção ao futuro, pela “falta”, incompletude que o espírito humano possui. Logo, a experiência do tempo foi criada pelo espírito para preencher a “carência” humana do vazio.

Santo Agostinho (354 a.C. - 430 a.C.), assim como Aristóteles, também atribuiu a noção de tempo como algo inerente a alma humana. Para ele, o tempo tende a não existir. "Então, o que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me pergunta, não sei" (Confissões, Livro XI).

Para Santo Agostinho a existência da percepção do tempo só ocorre quando o ser humano compreende o presente, após algo tornar-se passado ou futuro; ou seja, o tempo é medido através do movimento de um corpo que estabelece um espaço de tempo desde o momento que começa mover-se. Este intervalo do início ao fim que é o tempo. Por isso essa percepção pertence a um matiz psicológico, criado pela compreensão humana. É como se só existisse o presente: o presente do passado (memória), o presente do presente (atenção) e o presente do futuro (espera). Ele acrescenta: “ O presente não é mais do que uma experiência da alma, o passado é uma imagem da memória impressa na alma e o futuro apenas existe enquanto expectativa psíquica” (p. 99).

Para os judaicos - cristãos o tempo não tem a conotação igual a um deus, mas o tempo foi criado por Deus, assim como o universo. Ele é onipresente e onisciente por isso pode intervir no tempo, pois Ele não está presente somente no cosmos, mas na alma humana.

¹³ É o último filósofo da tradição helenística e o principal representante da corrente filosófica neoplatônica, que vai exercer uma influência marcante no pensamento ocidental (Rafaelli, 2002, p. 2).

Em Eclesiastes, no livro da Bíblia, observa-se a relação do tempo com Deus, em que as mudanças da vida são determinadas por Deus, por isso o homem deve trabalhar e gozar da vida, para não simplesmente “correr atrás do vento”, no sentido de “regozijar e levar vida regalada”, pois tanto sábios como tolos são animais destinados a morrer; por isso ele¹⁴ reflete que há um tempo certo para cada coisa.

Kant (1724 – 1804) entendia o tempo como algo inerente a mente humana, como uma construção interna; e não como algo construído a partir do mundo externo. A percepção de tempo é adquirida através de fragmentos da realidade (captada pelos sentidos), que são ordenados e classificados conforme uma estrutura interna presente em cada indivíduo. Esta estrutura é que organiza as experiências através de seqüências temporais que moldam a percepção.

Durkheim (1858 – 1917), dentro de uma perspectiva sócio-cultural, considerava o tempo como uma representação da coletividade, onde a sociedade percebe o tempo como algo externo, uma representação social, sendo algo que regula e ao mesmo tempo expressa o ritmo das atividades. Sztompka (1998) cita Durkheim dizendo que em seu caráter social, o tempo pode ser compreendido de três formas: tempo que ordena o “antes e depois”, tempo linear (que é estabelecido por uma seqüência direcional) e tempo cíclico (eventos que se tornam repetitivos). Para Durkheim o tempo causal, que é diferente do tempo linear, onde o direcionamento do tempo em relação a algum fato é diferente do tempo que causa algo (linear x causal).

Sob a mesma perspectiva sócia cultural, com caráter cronológico da noção de tempo, Whitrow (1993) diz que: “embora nossa consciência do tempo seja produto da evolução humana, nossas idéias de tempo não são inatas nem automaticamente aprendidas, e sim construções intelectuais que resultam da experiência e da ação” (p. 18). O autor acrescenta comentando que muitas vezes ao confabular sobre o tempo encontramos registros antagônicos em relação a valorização do tempo, em que as vezes é um fator elementar, e as vezes é simplesmente eliminado de contexto.

¹⁴ Ele neste caso, refere-se à Eclesiastes, que possui um significado incerto, mas aqui refere-se à alguém da Igreja (Deus, divino) que lidera uma assembléia, que prega, palestra, como um mestre.

Sobre o sentido do tempo, podemos citar a contribuição de Heidegger (1889 - 1976) que foi influenciado, assim como nós, pelo tempo linear, porém que o fez refletir sobre a ação deste tempo para o ser humano. Heidegger (1927) postulou o conceito de “*Dasein*” - que significa o “*ser-aí*” ou “*presença*” ou ainda “estar no mundo” – o ser que se abre para estar presente no mundo, para a experienciar a vida. “O homem é, portanto, possibilidade do ser que se determina no fluxo do tempo. O mundo, enfim, na sua totalidade nada mais é que a historicidade, temporalidade, nada”. (Heidegger, 1989, citado por Brito, 2006, p. 09).

O fator essencial de caracterização do *Dasein* é o tempo, pois a categoria de ser corresponde ao tempo presente, ou seja, este ser se estruturando neste presente, neste mundo. Para Heidegger existem duas formas de estar no mundo, a existência banal – da rotina, da dispersão, do inconsciente, da fuga, da morte – e a vida autêntica, que é quando a pessoa vivencia o *Dasein*. O que comprova a importância da temporalidade para construção da consciência.

Sartre (1905 – 1980) observa o tempo como um processo contínuo, onde o presente é um agora perpétuo, onde o presente é uma passagem para um futuro, assim como uma passagem de um passado. Analogicamente a um rio, o que vem é futuro, o que escoa é passado.

Bergson (1948), filósofo francês que recebeu o Prêmio Nobel de literatura em 1927, acentua a qualidade do tempo interior como trama da vida, onde sujeito e tempo comunicam-se partindo de dentro - sendo a temporalidade uma necessidade interior - que perpassa pela consciência, mas não possui sua origem nela. A consciência para este autor é compreendida como um impulso vital primitivo, que é a origem do impulso vital de natureza psíquica, de onde surge a intuição; ou seja, a intuição é a verdade do mundo do espírito. O tempo torna-se essencial neste sentido, pois ele torna-se significado para nossa vida a partir da subjetividade que cada ser introduz para si, transcendendo as experiências presentes, e direcionando-as para o passado ou o futuro. O autor acrescenta que o tempo do relógio é o tempo vivo, um tempo espacializado¹⁵; que somente a consciência pode diferenciar o que é tempo e o que é duração. A duração seria apenas uma intuição metafísica, já o tempo existe na consciência.

¹⁵ Tempo espacializado pode ser compreendido como um tempo que pode ser medido, quantificado, regulado, orientado.

Hirata e Gleick (2005) relatam sobre os mitos do tempo nas civilizações. No Egito, *Rá* era o deus sol identificado como o tempo, já *Heh* era o tempo infinito. Similarmente, na mitologia Asteca, o crédito do tempo como crença cósmica em que a ação criativa emanava da cabeça divina, tinha no *Omotéotl*, a divindade suprema do fogo e do tempo.

Já para os Hinduístas, o mundo é uma grande ilusão, onde o tempo é o fator que engana o ser, levando-o a acreditar nas coisas ligadas ao material, desejadas apenas pelo ego. Por isso existe *Vishnu* e *Shiva*, ambos relacionados ao Tempo. *Shiva Maha Kala* é o ‘grande tempo’ e *Kala Rundra* é o ‘tempo que tudo devora’ – este relacionada à transformação do ser.

Na China o tempo é visto como dinâmico, tendo a característica de princípio fundamental criativo do universo, onde existe a polaridade Yin (receptivo, quantidade) e Yang (criativo, qualidade) que se manifestam pelo Tao – lei oculta que governa o cosmos. Von Franz comenta que:

“O tempo faz parte do princípio masculino Yang, simbolizado por três linhas retas; seu equivalente feminino o Yin (representado por três linhas seccionadas) se relaciona com o espaço. Ambos os princípios unidos dão expressão ao tao, a lei oculta que rege o Cosmos. Yang, o criador, ‘opera no mundo invisível, com o espírito e o tempo como campo; Yin a receptiva, influí sobre a matéria no espaço e leva as coisas materiais à sua conclusão. Considerado sob esta perspectiva, o tempo é o ‘meio de tornar real aquilo que é potencial’.” (p. 7).

A história demonstra que o tempo é arquetípico, pois possui características potenciais, eternas. Por mais que existam diferentes percepções das experiências do tempo, há sempre o jogo do finito e infinito, que é retratado nas mais diversas obras, como mitologia, religião, filosofia, entre outras.

CAPÍTULO 3: A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE

“Se não entendemos o tempo nos tornamos suas vítimas”.
(J. Gleick)

Neste processo do passar seqüencial do tempo, nos deparamos com o tempo do agora, o da pós-modernidade capitalista, em que “tempo é dinheiro”. Assim corre-se atrás do fazer, do ter, do ser presente em um tempo que deve ser consumido. O que até há pouco tempo era considerado um bem de luxo, como acesso a tecnologias em geral (computadores, *ipods*, carros potentes, alimentos industrializados, etc.) hoje tornam-se bens de absoluta necessidade. Zoja (2005) reflete sobre o tempo na modernidade:

“Houve um tempo no qual quem era rico possuía terras, prédios, fábricas que duravam muito tempo e ocupavam muito espaço. Hoje uma riqueza infindável pode corresponder a títulos ou fundos que não são nem pedaços de papel, somente memórias imateriais em uma rede de computadores, números que estão em todos os lugares e em lugar algum. Houve um tempo que terras ou fábricas valiam na proporção de quanto produziam no momento em que eram avaliadas. Hoje, uma sociedade pode ser cotizada por cifras inacreditáveis, mesmo se ainda não produziu nada, se é um projeto que nem se sabe quando ou onde será realizado. Se ainda não é a morte do tempo e do espaço, essa é pelo menos a morte do tempo e espaço como recipientes nos quais estávamos acostumados a ordenar nossos valores econômicos, de uma economia que guardava uma característica do sentido original” (p. 28).

A partir da percepção do tempo do ego surgiu em meados ao século XVIII por Benjamin Franklin (inventor e empresário) a expressão “*time is money*”, em que tempo é dinheiro. A partir disto o tempo passou a ser representado, como algo que pode ser contado, poupado, acumulado. Recusas em relação ao tempo também ocorrem, onde surge à sensação de tempo mal aproveitado, “perdi tempo”, “não posso perder tempo”.

Nessa busca desenfreada pelo consumo, não há permissão para “gastar/perder” tempo com bobagens. O estresse deixou de ter a conotação de patologia, para ter a atribuição do “bom estresse”, ou seja, aquela agitação interna que estimula e motiva o ser a querer sempre mais, a buscar sempre mais.

Em leitura do jornal Gazeta do Povo de 1º de agosto de 2010, encontro a reportagem no Caderno de Economia dizendo: “2010, o ano do luxo em Curitiba”. A reportagem descreve a ascensão do mercado de luxo na cidade mesmo em tempos de crise. Interessante observar que até a relação com o tempo acaba se modificando conforme a necessidade de consumo. Karina Kullig, estilista entrevistada na reportagem diz: “Luxo pra mim é tempo. É você ter facilidades na hora da compra, como receber produtos em casa, por exemplo. Isso me ajuda a poupar tempo e facilita minha vida” (p. 2).

Muitas vezes me questiono como podemos acompanhar essa sociedade de consumo, se as coisas mudam em uma velocidade tão grande. Os celulares e os computadores, por exemplo, começaram a ganhar espaço na vida das pessoas e nos domicílios a partir da década de 90. Hoje em dia um bom computador, assim como um celular, deve ser trocado anualmente, pois a tecnologia fica defasada rapidamente.

Vivemos em um mundo apressado, um mundo influenciado pela Tacocracia. Takhós é virtude relacionada à velocidade, e Kratos é democracia, ou seja, um mundo controlado pela pressa, pela velocidade. Não há tempo para nada, estamos sujeitos à força do imediatismo. O problema surge quando interiorizamos essa pressa, fazendo do nosso mundo interno uma pressa descontrolada. Mais do que ter tantas tarefas a cumprir, não nos permitimos não ter tarefas a cumprir.

Em consultório, escuto muitas histórias sobre a desenvoltura das crianças diante da tecnologia, pois elas controlam muito bem o manuseio de eletroeletrônicos. Entretanto, as crianças que têm acesso à tecnologia e vivem passivamente em um sistema que consomem sem esforço, acabam por apresentar dificuldades no desenvolvimento psicomotor. Não é a toa que em meio a essa percepção, os novos vídeos-game já estão ficando mais interativos, possibilitando que as crianças se movimentem para acompanhar os jogos.

O marketing e a publicidade captam muito bem esse momento no ciclo de vida do homem moderno. Através da manipulação deliberada das empresas capitalistas do ramo, podemos observar a captação irracional dos desejos dos consumidores por meio das mensagens subliminares, que, associam as necessidades de instinto e emoções básicas à necessidade de consumo. O tempo de assimilação de cada compra é descartado, o que importa é o adquirir, desta forma, as pessoas são conduzidas a ações impulsivas e impensadas, perdendo o valor e o sentido das coisas, ou seja, perdemos tempo. E podemos perder tempo?

Essa relação com o tempo pode ser percebida na música, como nos trechos da composição da cantora brasileira Pitty que mostra através da letra e som pesado a necessidade de não se perder tempo:

No mês que vem
Tudo vai melhorar
Só mais alguns anos
E o mundo vai mudar
Ainda temos tempo
Até tudo explodir
Quem sabe quanto vai durar
Não deixe nada pra depois
Não deixe o tempo passar
Não deixe nada

Pra semana que vem
Porque semana que vem
Pode nem chegar
Esse pode ser o último dia
De nossas vidas
Última chance de fazer
Tudo ter valido a pena
Diga sempre tudo
O que precisa dizer
Arrisque mais

Pra não se arrepender
Nós não temos
Todo tempo do mundo
E esse mundo
Já faz muito tempo...
O futuro é o presente
E o presente já passou.

"Semana que Vem" (Pitty)

Historicamente vivemos no Brasil uma soberania em que a "ordem e progresso" (dizeres presentes na bandeira nacional) são impulsionadores de uma nação. Como então perder tempo? Andando pelas ruas enxergo um imenso outdoor dizendo "não perca tempo". Esse é o *slogan* da nova promoção do shopping Center Müller para o final desta estação¹⁶, convidando subjetivamente os consumidores a

¹⁶ Contextualização do tempo linear: estação inverno do ano de 2010, na cidade de Curitiba/PR.

comprar durante o período de promoção. Penso que tal publicidade também é baseada na sensação de que o homem consumidor é alguém que consome sem medidas, compulsoriamente, diante de uma cultura pautada na vaidade egóica. Nesse sentido tempo também deve ser consumido, para não ser perdido, até porque precisamos “progredir”. (Anexo 2).

Tais idéias são corroboradas pela jornalista e psicanalista Maria Rita Kehls, de São Paulo, que ao refletir sobre os dizeres de Walter Benjamin em “O Narrador” (1993), ela comenta que o neurótico moderno por excelência vive uma desmoralização da experiência, simplificando, de alguma forma, as pessoas não conseguem mais compartilhar suas experiências, pois elas perderam o sentido (2009, p. 166). Há um desamparo e uma alienação muito grande diante da liberdade, que é influenciada diretamente pela velocidade, tornando a herança simbólica dos antepassados, em algo obsoleto, fazendo com que o sujeito negocie seu desejo à culpa neurótica.

A doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ¹⁷ Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt (2005) traduz que este mal-estar da contemporaneidade é fruto da descrença em fundamentos inquestionáveis e objetivos determinados por um lado, e por outro do desejo excessivo de liberdade egoísta, o que remete a um tipo de ameaça existencial absolutamente radical: o encontro com o “vazio”¹⁸.

“Em resumo, consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedades, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, pois o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: Eu sou igual ao que tenho e o que consumo”. (Fromm¹⁹, 1987, p. 45).

A modernidade nos conduz a força do imediatismo, a força do agora, que abrevia radicalmente o intervalo entre o desejo e a realização. Bertman²⁰ (1998) ressalta que a força do agora é uma:

¹⁷ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ RJ.

¹⁸ Vazio aqui caracterizado pela autora como o vazio existencial. A autora compreende que o tempo é o horizonte da compreensão do ser.

¹⁹ Psicanalista alemão, filósofo e sociólogo.

²⁰ Stephen Bertman é professor Doutor e leciona Línguas clássicas e Modernas e Civilização na Universidade de Windsor, Canadá.

“Energia intensa do presente incondicional, um presente descomprometido com qualquer outra dimensão de tempo. Sob o efeito dessa força exaustiva, as prioridades da nossa vida sofrem uma transformação, num ato desesperado de adaptação à velocidade eletrônica. A nossa vida deixa de ser o que era, não propriamente pelo fato da vida ter mudado, mas pelo fato de ter mudado o modo como a vemos” (p. 15).

Essa alteração na percepção das coisas também é destacado pela doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo Marília Millan (2001), que reflete que sob a tirania do presente buscamos acabar com o sofrimento provocado pela condição inerente do existir do ser humano, que “inexoravelmente”²¹ é marcado pela fragilidade da sua terminalidade, a morte. A autora ressalta que sob a força do agora nos submetemos apenas ao princípio do prazer. E ainda:

“Acossados pela urgência, pela velocidade e pela satisfação narcísica de desejos de poder e onipotência, deceparamos o tempo em duas dimensões - o tempo passado e o futuro. (...) Sacrificar a temporalidade é um dos sintomas de algo maior e mais profundo: a derrocada da subjetividade” (Milan, 2001, p. 164).

A pessoa que é ligada na velocidade acaba que por acelerar o ritmo de vida e viver muito mais em função do que é imposto, seja pela pressão social externa, seja por uma ansiedade interna. Além de gerar estresse, alterações na personalidade - que podem ocorrer devido a poucas oportunidades de reflexão que o ser humano tem, as pressões do tempo podem gerar um distanciamento de si mesmo. “Uma mente que está ligada ao circuito da cultura tende a ter falta de capacidade e de estímulo para se libertar de si própria” (Bertman, 1998, p. 77).

Um exemplo mundial deste distanciamento de si, dos valores ético morais, é a agricultura moderna, nossa grande fonte de alimento. A agricultura acontece dentro de um tempo cíclico de plantio, cultivo e colheita; entretanto nos dias atuais há uma aceleração das etapas de produção, ocorrendo uma exploração predatória, prejudicando o meio ecológico e o meio social. Não existe mais a fruta da estação, da época certa, tudo sempre está disponível para o agora. O uso abusivo da tecnologia, além de modificar geneticamente os grãos, faz com que seu amadurecimento seja acelerado. Perdeu-se o valor a terra; com o passar do tempo sumiu o vínculo afetivo e cultural do homem com ela. Isso é notável no meio capitalista através da mecanização dos processos e exploração contínua, como a

²¹ Grifo meu.

entressafra, por exemplo, que não permite nem que a terra descanse. Se o tempo esta acelerado certamente temos menos reflexão e menos valorização.

Gouervitch (1975) comenta que a idéia de tempo está presente na vida do “homem apressado”, pois a velocidade ganhou incomensurável importância, transformando radicalmente o ritmo de nossas vidas. O autor acrescenta que esse acelerar da vida é inevitável neste mundo de países industrializados (p. 167).

O ritmo está presente em tudo na vida. A palavra tem origem grega em *Rhythmos* que significa movimento, como um tempo que demora a se repetir dentro de um fenômeno repetitivo. É um tempo cadência que existe na dança, na poesia, na música, e em tudo que necessite de um espaço/ período para que se observe explicitamente a variação de sons, seja ele da alternância do silêncio com a batida.

A mitologia de Cronos citada no capítulo anterior só vem a nos auxiliar na compreensão desta pós-modernidade caótica, enferma, oscilante, de ritmo acelerado. Considerando Chronos em seu aspecto devorador, Lyra comenta sobre o cenário atual: “O cotidiano adoeceu, e a saúde rema num pequeno bote em um mar insano. Nós psicoterapeutas, precisamos de deuses auxiliares, e dos braços fortes de nossos heróis internos para fazer acontecer e valer um sentido na correnteza” (s/d).

Von Franz (1997) destaca que “não é a virtude, mas sim a tirania do tempo que impede ao homem aproveitar a ocasião do “acaso”. O tempo é a necessidade, o implacável poder da mente programadora do homem, que só pensa em função da causalidade” (p. 90). Kehl (2009) corrobora dizendo que desde que nascemos estamos sujeitos a temporalidade acelerada, onde o bebê se desenvolve a partir do discurso materno, e esta por sua vez desempenha seu papel, conforme o usufruto do tempo de uma sociedade, em que o valor da vida é medido por produtividade (p. 274).

Para compreendermos tal questão é necessário saber que há o tempo de formação do ego. Durante o desenvolvimento do bebê o ego é construído gradativamente, ou seja, ele leva “um tempo” para ser estabelecido (tempo de maturação). Na infância, por exemplo, a criança projeta o Si-mesmo (Self) nos outros, neste caso nos pais, principalmente na mãe, o que torna o eixo ego-Self vulnerável a fatores externos. Nesta fase não se pode distinguir qual é a realidade

interior e qual é a realidade exterior, pois tanto o ego, como o Self ficam alienados, deixando a sensação na criança de que ela foi irreversivelmente rejeitada. Esta sensação ocorre pela projeção do Si-mesmo dos pais e também pelo estado de inflação deles que conota identificação. Neste sentido, o sentimento de não ser aceito pelo Si-mesmo, dá a sensação de não aceitação de si. Este processo é experimentado na psique como uma oscilação de inflação e alienação, que causa ao sujeito frustração e desespero.

O ego começa a se desenvolver por ilhotas de consciência que vão sendo integradas à psique. Por isso os primeiros anos de vida são tão importantes na construção da personalidade do sujeito, pois o bebê não distingue o seu Si-mesmo e o vínculo com a mãe, o que faz com que ele vivencie uma não percepção com o seu centro interno, com um tempo que está por nascer. Isto significa que se as relações parentais forem pobres e/ou forem de poucos “nãos” e rejeições, o sujeito vai ter maiores dificuldades em enfrentar a relação com ele mesmo, ou seja, o tempo de amadurecimento pode ser afetado. É quando o mundo interno se torna conflituoso e difícil de ser encarado.

De acordo com esse tempo de formação do ego e maturação dos processos internos, pode-se observar que a presença de Chronos pode ser tanto benéfica, no sentido de organização do tempo (como organizar as tarefas diárias em uma agenda); ou pode causar uma pressão não desejada (ação de Cronos), caso ele apenas impulsione um acelerar de vida.

Ao mesmo tempo em que, a experiência do tempo nos impulsiona para viver o agora, a pressão que o próprio ser humano coloca sob o tempo, não as deixa vivenciar o momento, pois algumas pessoas estão sempre preocupadas com o futuro. A respeito disso Ulson (2008) acrescenta:

“O tempo está associado com o movimento, e este, com a velocidade e a aceleração. Na ânsia de ganhar tempo, aparece a pressa, e esta leva a uma vida corrida, superficial, dissociada do presente. A pressa leva a dispersão, à falta de atenção e perda de concentração. Uma vez estabelecido o hábito de fazer coisas de forma mecânica e automática, não conseguimos mais desacelerar e parar, nem mesmo nas horas de férias ou lazer. Procuramos fazer sempre coisas que têm futuro e esquecemos do presente, que na realidade, é a única coisa de que dispomos” (p.14).

Relatos de consultório confirmam essa dicotomia, quando escutamos os pacientes trazerem: “com o tempo a gente aprende a valorizar o momento”: essa fala sempre vem após algum acontecimento marcante seguido de perda significativa, neste caso a pessoa aprende a dar mais valor ao tempo presente; e ainda: “não tenho tempo para nada”: desejo de fazer mais coisas pensando no momento futuro.

Compreendo assim que momento é o instante pontual, em que as pessoas podem ter facilidade de vivenciar, por este estar diretamente ligado à consciência e às ações do desejo (tempo do ego). Entretanto, viver no tempo do Self engloba toda uma experiência de passado, presente e futuro (processo), que estão condensadas em uma forma ampla de experiência existencial.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman no livro “Tempos Líquidos” de 2007, atribui outra conotação de tempo, ao analisar a insegurança humana diante do mundo globalizado, ele nos alerta sobre a nova sociedade líquido-moderna, que não dá tempo das coisas se desenvolverem. Ele comenta:

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. (Bauman, 2007, p. 7)

A sociedade moderna descrita por Bauman (2007) é composta por indivíduos com emoções fluídas que transformam a vida numa experiência rápida e sem profundidade. Ele identifica como “líquida” as relações marcadas pela velocidade e movimento frenético, típicos do mundo globalizado, cheio de prazos, possibilidades e contradições. Ele exemplifica a ação da globalização na economia social, em que nunca houve tanta rejeição por devedores e maus pagadores no comércio, mas ao mesmo tempo nunca ofertaram tanto crédito sem consulta no SPC²².

Na sociedade tipicamente líquida estar “atrasado” ou ser “avançado” pode ser considerado algo respectivamente bom e ruim; afinal de contas, ninguém quer “parar

²² SPC: Serviço de proteção ao crédito.

no tempo”. A partir disto pode-se compreender a ação do tempo na sociedade e influência do mito grego dos irmãos Prometeu e Epimeteu.

Prometeu (do grego Προμηθεύς) vem de *pró* (antes) e *manthánein* (saber, ver). Assim Prometeu é igual a ser prudente, previdente, detentor do oráculo, aquele que prevê, que pensa antes. Ele era responsável pela criação dos homens e dos animais. Foi ele quem ensinou as criaturas todos os segredos da terra, da astronomia, do minério, entre outras artes. Entretanto, eles não eram possuidores do fogo, que fora negado por Zeus. Assim, Prometeu apanhou um caule do nárteu e aproximou-o do Sol, incendiando o caule. O fogo tornou-se pertencente à humanidade, que agora poderia dominar o mundo e as outras criaturas. Zeus irritou-se profundamente quando soube do feito, e como forma de vingança, mandou Hefesto construir uma bela estátua de donzela, na qual a chamou de Pandora (*pan* significa “de todos” e *dora* é um “presente”). Pandora era a “possuidora de todos os dons”. Ela trazia consigo uma caixa que continha diversos malefícios à humanidade. Pandora foi conduzida a terra por Hermes.

Epimeteu (que significa o que pensa depois, o inábil, o lento, o desastrado) irmão de Prometeu, encantou-se por Pandora. Ao casar-se com ele, Pandora abre a caixa que carrega, espalhando assim muito sofrimento e dor à humanidade. Ao fechar a caixa rapidamente Pandora conseguiu apenas deixar a “esperança” como único benefício presente. Da união com Pandora, Epimeteu tornou-se responsável pelas desgraças da humanidade.

Como Zeus não conseguiu vingar-se unicamente de Prometeu, mandou que Hefesto e seus auxiliares Crato e Bia (o poder e a violência) acorrentassem o Titã a um penhasco do monte Cáucaso, e ainda mandou uma águia negra devorar diariamente o fígado de Prometeu, que se renovava, por ele ser um Titã. Depois de muitas eras de sofrimento, Hércules se compadece e resolve atacar a águia. Com uma flecha certa Hércules mata a águia e desacorrenta Prometeu. Este, para afirmar a vontade de Zeus, passa a usar um anel com uma pedra do Cáucaso, lembrando do tempo em que estava dominado e preso por Zeus.

A partir deste mito podemos compreender que o acelerar é estar adiantado, como Prometeu; em contrapartida, estar atrasado no tempo é agir como Epimeteu.

Assim como Prometeu as pessoas que fazem antes de pensar são muitas vezes consideradas pró-ativas, em outras situações, são consideradas impulsivas. São pessoas com atenção focada no mundo externo, o que as tornam mais suscetíveis a fatos, pessoas e coisas do ambiente. Na realidade, tais atitudes demonstram um caráter Extrovertido.

Ter características de Epimeteu é pensar muito antes de agir. São pessoas cautelosas, em compensação são também passivas, sem iniciativa. Pessoas Introversas tem características assim, são pessoas com atenção focada no mundo interno, de emoções, impressões e pensamentos.

No livro “Psiquiatria Junguiana”, o autor Henrich Karl Fierz (1997), descreve os problemas psicopatológicos dos problemas decorrentes da atitude inferior²³ e do tipo constitucional do sujeito perante a visão de participação mística em relação ao mundo. Ele diferencia cada tipo de acordo com a relação que cada pessoa estabelece com o sujeito e o objeto. Por exemplo, durante um conflito um introvertido foca sua atenção no sujeito, pois o que importa é apaziguar o afeto que foi causado, e não a causa externa do conflito (objeto). Para o extrovertido, entretanto, o objeto exterior é o foco da atenção, enquanto o que se passa no mundo interno é mais desconhecido. Exemplos práticos são dados pelo autor, que afirma a importância de se desenvolver a tipologia inferior, tornando o extrovertido mais introvertido e vice-versa. Introversos tendem a desenvolver infecções e distúrbios metabólicos; e extroversos tendem a contrair arteriosclerose, sofrer acidente e até a desenvolver comportamentos criminosos (p. 270).

Ao descrever o desenvolvimento do ego e as etapas da vida, Whitmont (2006) diz que durante o desenvolvimento e crescimento do ser humano, as dimensões de tempo e espaço são “relativamente válidas ou ficam suspensas”, ou seja, tem caráter transitório, elas pertencem àquele momento da vida, ou seja, a determinada experiência de tempo. Assim, a experiência inconsciente predomina em relação ao mundo consciente, demonstrando uma atemporalidade.

Sobre o assunto, Von Franz (1995) ressalta na obra de Jung:

“O que comumente se entende por ‘psique’ é, por certo, uma fenômeno efêmero, se pensarmos nos fatos ordinários da consciência. Mas nas camadas mais profundas da psique, que chamamos de inconsciente, há

²³ Atitude inferior é atitude oposta, que é Inconsciente e deve ser desenvolvida.

coisas que compõem em dúvida as categorias indispensáveis de nosso mundo consciente, isto em tempo e espaço [...] É claro que a atemporalidade e a aespacialidade não poderão jamais ser aprendidas através da nossa inteligência, de forma que devemos nos contentar com o conceito aproximativo. Sabemos, porém, que existe uma porta que se abre a uma ordem de coisas totalmente diversa da que encontramos em nosso mundo empírico da consciência” (p. 172).

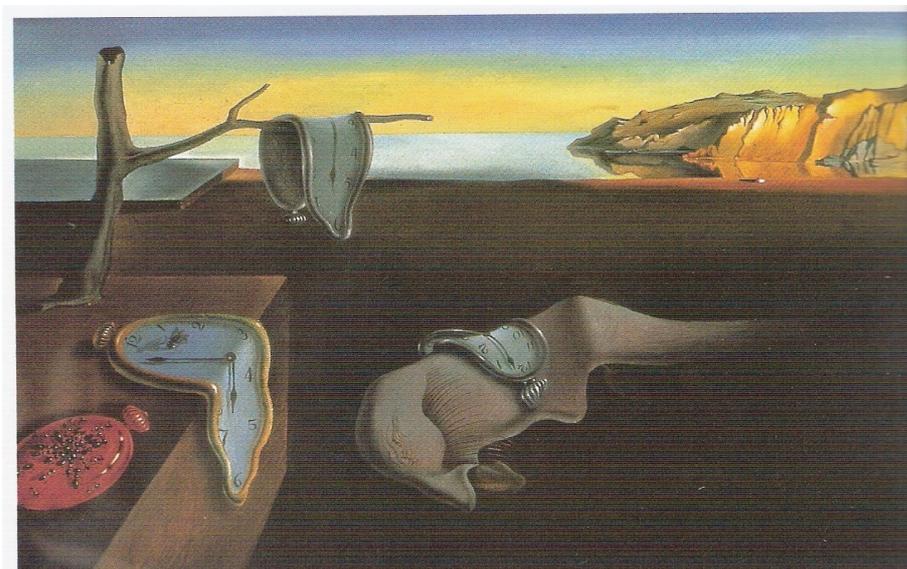
A psicologia analítica considera que os sonhos desempenham papel fundamental no funcionamento e no equilíbrio psíquico. Além disso, eles são uma janela para as verdadeiras emoções humanas e uma ponte para os conteúdos inconscientes. No conteúdo dos sonhos não existe uma temporalidade clara, e muitas vezes nem o espaço é definido; em um momento estamos em um lugar, segundos depois estamos em outro sem ao menos ter percebido. Jung, desde o início da carreira, atribuiu grande importância aos sonhos pelo interesse ao desconhecido e aos conteúdos inconscientes que dizem muito do mundo interno, apontando para uma possibilidade que vai além dos sentidos, ampliando a percepção humana da realidade.

Em autobiografia, o próprio Jung, quando em sua casa de campo vivenciou momentos de introspecção, contemplando o valor deste processo, atribuiu aos sonhos a conotação da “realidade inconsciente”. Ele acrescenta que, se os sonhos forem estudados corretamente, pode-se conhecer o momento psíquico em que as pessoas estão experienciando determinado momento da vida. Gallbach (2003) diz que as mesmas imagens que se apresentam a nós nos sonhos como representativas do mundo exterior, são subseqüentemente usadas pela psique para exprimir o mundo interior. Desta forma, nem sempre compreender a temporalidade é possível, mas vivenciá-la, sim. Ulson (2008) diz que “o inconsciente, com seu universo instintivo e arquetípico, muitas vezes se manifesta pressionando o indivíduo a sair do ego racionalista e reconhecer a imprevisibilidade do amanhã” (p. 13). Assim, compreendo que mesmo com o recurso dos sonhos, muitas pessoas não estão prontas para vivenciar o tempo Aion (o tempo da totalidade) e os conteúdos inconscientes, pois ainda estão muito presas ao mundo egóico.

Ulson (2008) comenta:

“Na clínica, enquanto estamos lidando com os sonhos, a fantasia, ou com as relações afetivas, de uma forma não literal, estamos vivendo a atemporalidade. O brincar, o criar, o amar nos libertam da escravidão do

tempo cronológico e nos lançam nos braços de Aion. É quando não sentimos passar o tempo, quando não olhamos ansiosamente para o relógio (p. 14).



Fonte: Relógios Moles – Salvador Dali (Abreu, Lima Filho. **Coleção Gênios da Arte**. SP: Girassol. 2007 p. 56).

Por tais discrepâncias serem sentidas diretamente no corpo, seja ele físico e/ou subjetivo, a noção de tempo e a consciência de certos fenômenos são necessariamente considerados nos diagnósticos de patologias, pois o estar presente (localizar-se) em um tempo seqüencial e ter noção do mesmo são fatores determinantes no diagnóstico. O diagnóstico clínico é importante, porque proporciona orientação. Mas o ponto decisivo é a história do indivíduo. Desta forma, alterações na vivência de tempo e espaço podem ser observadas em estados patológicos e/ou no conflito da relação do ser com o mundo; relevante é a forma como ele vive e enxerga suas experiências no mundo.

Hillman no livro “Pais e Mães” (1979), diz que o tempo é uma espécie de reação²⁴ à capacidade de conhecer, já que o ser humano sente prazer com a aquisição do conhecimento e por termos uma voracidade tão grande pela aquisição de prazer, se não fosse o tempo, poderíamos nos destruir. Ele diz: “Deus criou o tempo para que nada acontecesse de uma só vez”, porque nós “queremos tudo, e de uma vez só, porque sentimos e vemos tudo de uma vez” (Hillman, 1996, p. 241). Ele acrescenta dizendo que se tivéssemos acesso atemporal ao universo,

²⁴ Entendo aqui como um freio.

provavelmente seríamos possuídos pelo arquétipo do tempo, criando nosso próprio cárcere urobórico, e que talvez isso seja o que acontece em determinadas patologias. Jung já havia dito que: “É nos estados patológicos que podemos encontrar os exemplos clássicos da atividade psíquica inconsciente” (1984, p. 297).

De acordo com o psicólogo Ceccarelli²⁵ (2005) psicopatologia pode ser compreendida como o estudo do sofrimento psíquico. A palavra psicopatologia tem origem grega, que significa *Psychê* (que é psique, a alma); *Pathos* (vem de paixão, passividade, sofrimento); e *Logos* (é lógica, conhecimento). Portanto, a psicopatologia estuda um sujeito em sofrimento que experiencia o psíquico no corpo, na *physis*. Jung possui um visão de homem considerada monista, ou seja, alma e corpo são uma coisa só, por isso se há algum sintoma em algum deles, o outro também é afetado. Ele afirma que “corpo e alma são um e a mesma vida” (Jung, 1975, p. 206); e ainda: “Parte de nossa psique não está no tempo e nem no espaço. Espaço e tempo são meras ilusões, e assim não existe tempo para determinada parte de nossa psique” (Jung, 1985, par. 684).

“Cada arquétipo tem seu estilo de patologia. O *Pathos* do arquétipo, que move o nosso ser é tão essencial como o seu *Logos*, seu significado. O mito não nos fala apenas da psicodinâmica arquetípica, mas também da psicopatologia arquetípica. Em nossas patologias, penetramos em mitos e mitos penetram em nós; as patologias são sempre maneiras de imitarmos, - são miméticas – os padrões dos deuses”. (Hillman, 1978, p. 73).

O padrão de normalidade adotado por profissionais da saúde atualmente considera patologia acontecimentos relacionados à frequência de tempo e alteração de espaço na experiência das pessoas, pois faz parte do diagnóstico avaliar como o sujeito lida com o tempo e espaço.

Em relação ao tempo é importante observar que as pessoas dentro de um padrão de normalidade conseguem identificar sua situação a qualquer momento, sabendo perfeitamente onde se encontra, em qual dia, mês, ano e qual a situação dela em relação ao ambiente. Já em relação ao espaço, a pessoa tem que ter consciência do seu espaço natural orientado (meio na qual o corpo dela está

²⁵ Psicanalista. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII. Docente da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC - MG.

inserido), assim como o espaço simbólico, no sentido de considerar os medos e ameaças do meio no campo subjetivo. Exemplo: Ano de 2010, cidade de Curitiba, aluna da PUC/PR, refletindo sobre a ação do tempo: será que terei tempo de compreender todos meus anseios sobre as experiências do tempo?

Padrões de avaliação são seguidos para descrever as doenças pós-modernas e classificar as pessoas conforme os sintomas que elas sentem. De acordo com os mais recentes Manuais de Psiquiatria, como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4º edição, conhecido também como DSM-IV, da Associação Psiquiátrica Americana, e a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, da Organização Mundial da Saúde, destacam-se²⁶ atualmente patologias como: melancolia, depressão, ansiedade, TOC, entre outros. De acordo com esses manuais, tais patologias são classificadas como transtornos de orientação, transtornos de humor (afetivos) e transtornos neuróticos, relacionados ao estresse. Gostaria também de destacar o tempo de solidão, que pode ser compreendida como um sintoma patológico diante da nossa cultura que privilegia a velocidade. Como sentir-se só fosse algo considerado maléfico ao organismo, como se a necessidade dele fosse esquisita.

Sobre Orientação, em termos psicopatológicos, pode-se compreender um estado psíquico funcional do qual temos consciência plena, em cada momento da vida, da situação real em que nos encontramos, por isso em psicopatologia são avaliadas condições auto-psíquicas, ou seja, quando o sujeito está bem orientado quanto a noção do eu (ego), quando ele mesmo fornece dados de sua identificação pessoal revelando saber quem é, como se chama, que idade tem, qual sua nacionalidade, profissão, etc. Há também uma percepção Alopsíquica, que é a orientação da pessoa em relação ao tempo e ao espaço. A orientação no tempo e no espaço depende estritamente da percepção, da memória e do contínuo processamento psíquico dos acontecimentos. (disponível em: www.psiqweb.med.br).

Em estado de melancolia a pessoa não percebe a passagem do tempo, isso porque o melancólico se fecha em si. A melancolia está presente em nossa era em diferentes momentos do ciclo vital. Está presente na vida normal, principalmente em momentos de luto, na nostalgia e na adolescência; assim como na arte, na filosofia,

²⁶ Destacadas por mim.

na religião e nos momentos de reflexão. Jaspers (1964), filósofo e psicopatologista, comenta sobre as características do ser melancólico:

“Seu ponto central é uma tristeza profunda e sem motivos, acrescida de uma inibição de todas as atividades psíquicas. Além de ser subjetivamente experimentada de forma dolorosa, e também observável no comportamento objetivo da pessoa. Todos os impulsos instintivos são inibidos; o paciente não deseja nada. A melancolia vai desde a diminuição do desejo de movimento e atividade até a imobilidade completa. Nenhuma decisão ou atividade pode ser empreendida pelo paciente. Faltam-lhe associações psicológicas. Nada lhe vem à mente; queixa-se da sua memória perturbada; sente falta de sua capacidade produtiva e lamenta sua insuficiência, insensibilidade e esvaziamento. Experimenta essa aflição profunda como uma sensação peculiar no peito e no abdômen, quase como se pudesse agarrá-la ali. Na sua profunda tristeza, o mundo lhe parece cinza dentro do cinza, indiferente e desconsolado. Procura apenas o lado desfavorável e infeliz de tudo. Sente que teve muitas culpas no passado; o presente oferece apenas infortúnio e o futuro parece aterrorizador, com visões de ruína e depauperamento”

Desta forma, o ser melancólico sofre uma diminuição do nível energético nas funções psíquicas, percebendo assim um desacelerar consciente. O tempo egóico é mais lento do que o habitual. O ritmo torna-se mais ameno, provocando uma inibição e um desânimo. Este processo, no entanto, é subjetivamente consciente, o que faz com que o ser melancólico sinta-se impotente, incapaz, com culpa, e alguns casos, depressivo. Hillman (1995) comenta:

“É como se existisse uma espécie de poder que se opõe à reunião com o que foi perdido, um poder opressivo, adverso e inflexível que parece paralisar a vontade, provocando um sentimento doloroso de impotência. (...) Uma inabalável negatividade; o homem é visto como um brinquedo nas mãos de um destino irônico”.

Entretanto a melancolia pode abrir o caminho para a vida criativa, no sentido de que o indivíduo experimenta, em sua memória, imaginação e/ou intuição, um outro aspecto da vida, que pode ser muito desejado: a experiência com o belo. De fato, os melancólicos podem ser deprimidos, mas também podem ser conscientes, fortes, e culpados o bastante para transformar a tristeza em um estado de união com o ser perfeito e infinito, no qual tudo é pleno de sentido e amor - estado este que é contrário à sensação sentida.

Já na depressão as pessoas ficam presas ao passado, cheias de perdas não elaboradas e/ou se lamentando, cheias de arrependimento. Depressão no latim

significa “apertar, pressionar para baixo”. Os depressivos relatam insensibilização, desmotivação intensa, um corpo parado, imóvel, uma sensação de vazio, uma tristeza profunda. Como um tempo psíquico que ecoa dizendo narcisicamente que está vazio. Jung percebe a depressão como uma queda de energia, que ao ser liberada, pode ser superada.

Kehl (2009) em seu livro “O tempo e o cão”, fala sobre a falta que o ser depressivo sente em relação ao Outro²⁷. No olhar da autora o sujeito depressivo foi de alguma forma poupado demais da experiência de ausência deste Outro. É como se esse Outro invadisse brutalmente o tempo do ser depressivo, fazendo com que ele passe pela impossibilidade de vivenciar a experiência subjetiva de ‘duração’, nesse sentido o depressivo perde o valor que a experiência empresta à vida. Ela acrescenta: “uma vida privada da experiência subjetiva de duração é uma vida cujo valor não é acessível ao sujeito” (p. 229). Por isso o depressivo vivencia profundamente o vazio²⁸, que é experimentado pela falta do valor.

Jung ao estudar os processos alquímicos e realizar analogias com o processo de individuação constatou algumas fases alquímicas do processo na busca da pedra filosofal, da meta. Em um modelo ternário encontram-se as fases de nigredo, albedo e rubedo. A depressão na alquimia é representada pela fase da nigredo. Esta fase é preta, escura, confusa, de encontro com a sombra, uma fase que requer lavagem, solução, de quebrar partes. A nigredo está relacionada com a fase de *mortificatio* e *putrefactio*, ambas associadas a morte, penitência e a experiências dolorosas. A psicóloga paulistana Sônia M. M. de Carvalho (s/d) comenta em sua obra “Psicopatologia e Psicologia Analítica”, que a nigredo e fase de *mortificatio* podem gerar reflexão, proporcionando momento de pausa para a diferenciação de valores verdadeiros e falsos. Para Hillman (1993) nigredo é um estágio alcançado, uma realização. Jung acrescenta que o opus começa neste ponto. Desta forma a depressão também pode ser uma oportunidade.

Penso que, de forma geral, a modernidade está depressiva e ansiosa, como em um movimento psíquico compensatório diante da pressão imposta pelo excesso de Chronos. Através da desconstrução da psique desamparada, talvez seja possível

²⁷ Outro aqui no sentido psicanalítico.

²⁸ Vazio este, que é a falta de desejo.

emergir novos paradigmas para lidar com os depressivos, buscando transformações psíquicas através dos chamados angustiantes, que tem um tempo de fermentação, para posteriormente construir novas condições individuais e coletivas. É um tempo mais lento.

“Uma sociedade que não permite a seus indivíduos “deprimir-se” não pode encontrar a sua profundidade e deve ficar permanentemente inflada numa perturbação maníaca disfarçada de “crescimento”... A depressão é ainda o Grande Inimigo... Não obstante, através da depressão adentramos as profundezas e lá encontramos a alma. A depressão é essencial para o sentido trágico da vida. Ela umedece a alma seca e enxuga a molhada. Ela traz refúgio, limitação, foco, gravidade, peso e humilde impotência. Lembra a morte. A verdadeira revolução (no que toca a alma) começa naquele indivíduo que pode ser honesto com a sua depressão” (Hillman, 1993).

Mas a depressão não é a única patologia que nos chama atenção nos consultórios, pela crescente demanda a ser tratada nos pacientes; a ansiedade generalizada também surge como uma das grandes causas de agitação e estresse na sociedade brasileira atual. É a ansiedade que nos faz sentir que “não há tempo para nada”.

A ansiedade é um estado emocional com componentes psicológicos e físicos. É um estado desagradável, em que a pessoa tem a sensação do perigo eminente, morte ou colapso. Há um desconforto corporal subjetivo e pode ser compreendida como antecipação de um sentimento que está por vir, assim as pessoas se projetam apenas para situações futuras não conseguindo vivenciar o presente. Vivências passadas são projetadas para o futuro através de medos imaginários. Conforme diz Ulson (2008) no ansioso “há um controle excessivo do ego e uma insegurança quanto ao desconhecido que está sempre no futuro” (p. 13). O tempo é sempre experienciado no que está por vir, o que causa uma sensação de desligamento com o agora.

O Transtorno Obsessivo Compulsivos situa-se entre os transtornos de ansiedade. A patologia é caracterizada pela eminência de pensamentos obsessivos que invadem a consciência de forma repetitiva impondo sua vontade ao sujeito. Os pacientes com T.O.C. não sentem o tempo passar, sentem que o tempo não rende, entretanto possuídos pela fase obsessiva sentem-se, ao mesmo tempo, escravizados pelo tempo. Os pensamentos obsessivos apresentam-se como um

corpo estranho, vivo, que não correspondem aos traços característicos do paciente, ou seja, apresentam-se como autônomos com características próprias peculiares. O sintoma fica em primeiro plano, acima do ego. Desta forma, o tempo é gasto com rituais diários de manutenção do sintoma, por isso a pessoa com esta patologia está presa o um tempo sintomático, um tempo obsessivo.

Em contrapartida à um tempo obsessivo, ocupado, deparamo-nos também em algum momento da vida com um tempo de pausa, de parada, de solidão. O tempo de solidão está modernamente associado à um tempo de abandono, de exclusão, de isolamento, de desamparo.

Paz (1984) comenta que a solidão “é uma condenação total, espelho de um mundo sem saída” (p. 184). Este autor reflete sobre um tempo em que as coisas eram experienciadas dinamicamente, em um tempo Sélfico, onde os indivíduos eram parte de grupos, grupos esses sinônimos de saúde, de pertencer, do indivíduo pertencente a um grupo. A palavra inglesa *alone*, por exemplo, corresponde à *all in one*, que remete a reflexão de que a totalidade está na unidade.

O homem moderno ocidental, como reflete Paz (1984), saiu do tempo da eternidade para seguir o tempo cronológico, tornando-se prisioneiro do relógio e conseqüentemente aprisionado ao sentimento de solidão. Tal reflexão de Paz pode ser compreendida através da música de Marina Lima que, sem tempo para chorar, esquece dos próprios sentimentos e experiencia a solidão do dia:

Às vezes eu quero chorar
Mas o dia nasce e eu esqueço
Meus olhos se escondem
 Onde explodem paixões...
 Às vezes eu quero demais
 E eu nunca sei
 Se eu mereço
 Os quartos escuros
 Pulsam!
 E pedem por nós...
E tudo que eu posso te dar
É solidão com vista pro mar

Ou outra coisa prá lembrar
 Se você quiser
 Eu posso tentar
 Massss!...

Eu não sei dançar
Tão devagar
Prá te acompanhar...

Marina Lima (música: “Não sei Dançar” por Alvin L.)

Acredito que o tempo de solidão seja necessário, pois também é a partir dele que a pausa acontece abrindo espaço para um tempo de reflexão, para um potencial criativo. Edinger (1995) comenta que “ser um indivíduo significa ser alguém especial

e favorecido e, da mesma forma, alguém sozinho. [...] Se for enfrentada, em vez de esquecida, a solidão poderá levar à aceitação criativa de ser só” (p. 223). A solidão só atinge esta perspectiva quando vivenciada em um em um tempo mítico, um tempo sagrado, um tempo simbólico, ou seja, na construção de um tempo interno integrado.

Independente da patologia ou diagnóstico é importante compreender como o sujeito lida com a ação do tempo e como isso reflete na sua alma. Hillman (1984) dizia “Será que alguém pode realmente ter saúde mental se esta não estiver edificada sobre um senso de alma?” (p. 45).

Uma perda significativa, seja interna ou e externa, provoca uma mudança temporal e uma oportunidade de reflexão enorme na vida de uma pessoa. Todas as características citadas acima podem ser encontradas em qualquer indivíduo dito “normal”, o que varia é a intensidade e a forma como cada um lida com o tempo. Nesse sentido, Kehl (2009) reflete:

“Do direito á saúde e à alegria passamos à obrigação de ser felizes, escreve Danièle Silvestre. A tristeza é vista como uma deformidade, um defeito moral, ‘cuja redução química é confiada ao médico ou ao psi’. Ao patologizar a tristeza perde-se um importante saber sobre a dor de viver. Aos que sofreram o abalo de uma morte importante, de uma doença, de um acidente grave, a medicalização da tristeza ou do luto rouba ao sujeito o tempo necessário para superar o abalo e a construir novas referências, e até mesmo outras normas de vida, mais compatíveis com a perda ou eventual incapacitação (p. 31).

Refletindo sobre a psique humana e sua relação com o tempo, percebe-se que o ritmo imposto pela contemporaneidade nada favorece a percepção-manifestação do Aion, a não ser em momentos culturais e artísticos da manifestação inconsciente presente na música, nas artes plásticas, na literatura, entre outros. A terapia portanto, surge como alternativa a mais, e como processo facilitador de desaceleração do tempo, onde o analisando possui um temenos para atuar conforme seu tempo interno.

O tempo cura, não é? O filósofo e prosador grego Plutarco (46 a 126 d.C.) já dizia: "O tempo é o mais sábio dos conselheiros." O tempo muitas vezes é um remédio. Mas o que fazemos se atropelamos o tempo? Como fazer o tempo parar? Esses questionamentos surgem na rotina diária, esteja a pessoa em análise ou não,

porque muitas das atividades que devemos fazer no nosso dia-a-dia não são selecionadas, mas impostas. Arranjar um emprego, cuidar da casa, educar os filhos, olhar pra si; tudo demanda tempo. A partir das nossas escolhas de vida surge um problema real: Não temos, em relação ao tempo, toda a autonomia que gostaríamos de ter. O que fazer então?

Administrar o tempo exige lidar com um paradoxo: muitas vezes poupamos para depois gastar. Entretanto, se poupamos tempo trabalhando muito, por exemplo; supomos que posteriormente, numa futura aposentadoria, estaremos bem economicamente, a partir desta condição teríamos mais tempo para viver modos de vida que não necessitem economizar tempo de vida, mas simplesmente permitir que o tempo passe. Será que é assim que funciona?

Essas indagações podem constelar-se em diferentes períodos da vida, assim o processo de análise surge como uma ferramenta necessária para auxiliar as pessoas a organizar a psique e definir as prioridades.

Neste sentido o analista tem papel fundamental, em perceber quando o paciente está preparado para lidar com determinado conteúdo, para auxiliá-lo no seu processo de análise. Wenth (2001) parafraseando Helena Kolody fala sobre o mistério da análise: “Podemos auxiliar o diamante a acordar das entranhas da terra, mas não somos os criadores do carbono e nem sabemos ao certo o momento em que ele, torna-se diamante” (p. 3). Portanto, há um tempo interno – que parece ser mágico – onde o diamante aparece, ou mostra uma abertura mostrando a potencialidade e demonstrando que o conteúdo pode ser trabalhado.

Remen²⁹ (1993) concorda exemplificando a relação médico-paciente em que:

“Trabalhar no tempo humano exige o desenvolvimento de uma percepção mais intensa e profunda na qualidade do tempo; uma percepção não somente da qualidade do tempo que o profissional e o paciente passam juntos, mas também da qualidade do tempo da própria doença, que pode ser diferente e variar de paciente para paciente” (p.141).

A doença, assim como qualquer outro sintoma, também tem um tempo de acontecer. Por isso a sensibilidade, empatia e o respeito pela condição do ser analisando deve existir, para que de alguma forma a patologia – que ecoa morte – seja transformada em outro significado de *pathos*, a paixão, o amor. Será através da

²⁹ Enfermeira e Escritora Americana que desenvolveu trabalhos na área da saúde.

escuta atenta do analista, que em uma experiência a dois, o poder da cura poderá surgir.

“O principal objetivo da terapia psicológica, não é transportar o paciente para um impossível estado de felicidade, mas sim ajudá-lo a adquirir firmeza e paciência diante do sofrimento. A vida acontece num equilíbrio entre a alegria e a dor” (Jung, CW 16, #185).

É por isso que terapia nada mais é do que *Terapheia*, que em grego significa estar “a serviço dos deuses”, cuidar do todo, e ainda, cuidar do Eros doente. É através da relação do Eros do paciente e do amor do médico, que transmite um amor justo, que o paciente irá libertar-se do excesso, equilibrando a parte doente de Eros.

Por isso o terapeuta também precisa ser “terapeutizado”, no sentido de se conhecer, de saber o próprio limite, conhecer Eros, para poder trabalhar com amor o limite do outro e auxiliá-lo em seu processo, respeitando o tempo interno do paciente.

O que o paciente significa para o terapeuta? O psicoterapeuta só age tangendo o outro quando também é tocado. Jung comenta que “só o ferido cura” porque quando um paciente chegava até ele, ele se punha exatamente como eles (os doentes) diante do problema. Jung acrescentou na “A Prática da Psicoterapia” (2004):

“O médico também “está em análise”, tanto como o paciente. Ele é parte integrante do processo psíquico do tratamento, tanto quanto este último, razão por que também está exposto às influências transformadoras. Na medida em que o médico se fecha a essa influência, ele também perde sua influência sobre o paciente.[...] O médico fica, portanto, com uma tarefa semelhante à que ele gostaria de dar como encargo ao paciente [...]Você tem que ser a pessoa com a qual você quer influir sobre o seu paciente.[...] exige, portanto, que se reaplique no próprio médico o sistema em que se acredita, seja ele qual for.” (p. 166-168)

Fierz (1997) comentou sobre a postura do médico:

“O médico deve encontrar dentro de si próprio a faca espiritual com a qual possa tocar a catarata do paciente. Ele próprio é o instrumento de terapia, e se desejar estar adequadamente equipado, precisa primeiro lidar consigo mesmo” (Fierz, 1997, p. 173).

Robbins (1995) autor do livro “O despertar na era da criatividade”, obra esta em que o autor reflete como criar e utilizar todos os nossos recursos internos para a melhor resolução de nossas necessidades como indivíduos comenta:

“Se o propósito da arte fosse apenas captar numa superfície plana a representação visual exata de um objeto tridimensional, o artista usaria a máquina fotográfica. Em vez disso, ele se relaciona com o ambiente por meio da arte. O que vemos na tela é a experiência subjetiva que o artista tem de um objeto. Para quem quer se dedicar a alguma atividade criativa, o valor da experiência está tanto no processo de criar quanto no produto da criação. Além disso, o prazer de quem vê o produto artístico se deve à capacidade de entrar na experiência criativa do artista. O profundo fala ao profundo, entenece-nos a mesma fonte a que o artista recorreu” (p. 112)

Na “Prática da Psicoterapia” (2004) de Jung, encontramos como o autor enxerga a prática clínica e a pessoa que busca terapia:

“Não tenho condições de julgar a totalidade da personalidade que está lá à minha frente. Posso fazer declarações legítimas apenas a respeito do ser humano genérico, ou pelo menos relativamente genérico. Mas como tudo o que vive só é encontrado na forma individual, e visto que só posso afirmar sobre a individualidade de outrem, o que encontro em minha própria individualidade, corro o risco, ou de violentar o outro, ou de sucumbir por minha vez ao seu poder de persuasão. Por isso, quer eu queria quer não, se eu estiver disposto a fazer o tratamento psíquico de um indivíduo, tenho que renunciar a minha superioridade no saber, a toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar. Tenho que optar necessariamente por um método dialético, que consiste em confrontar as averiguações mútuas. Mas isto só se torna possível se eu deixar ao outro a oportunidade de apresentar seu material o mais completamente possível, sem limitá-lo pelos meus pressupostos. Ao colocar-nos dessa forma, o sistema dele se relaciona com o meu, pelo que se produz um efeito dentro do meu próprio sistema. Este efeito é a única coisa que posso oferecer ao meu paciente individual e legitimamente.” (1985).

Além da postura pessoal e clínica, outros saberes devem ser considerados no trabalho do psicoterapeuta, como uma noção de mitologia, simbologia, etc. Wenth (2008) destaca a importância de como o terapeuta, qual um alquimista, deve utilizar o fogo no *setting* terapêutico:

“O fogo, símbolos dos afetos, como uma representação da relação entre analista e paciente, o analista precisando ser um iniciado nas artes do fogo, sabendo quando ‘esquentar’ (por exemplo, colocando ênfase em determinados complexos), ou deixar em ‘banho-maria’. Agora, uma coisa é fato: sem fogo nada se cozinha, sem um relacionamento verdadeiro, seja entre analista e paciente, paciente e seu inconsciente, nada se transforma” (p. 101).

Kehl (2009) ao falar sobre o tempo de terapia diz: “a Psicanálise³⁰, independentemente do tempo de duração das sessões, é um percurso em que o tempo não deve contar. Nesse sentido, ela oferece a possibilidade de um (re) encontro do sujeito psíquico com a temporalidade perdida – a começar pela recuperação da experiência atemporal das manifestações do inconsciente” (p. 9)

Ao analisar o tempo durante um processo terapêutico, abre-se uma oportunidade que possibilita que o indivíduo entre em contato com uma nova realidade interna, permitindo que ele aprimore seu tempo, sua relação com o mundo. Tratar abertamente do assunto contribui para o processo de individuação e para criar maior conscientização pessoal e coletiva do ser no mundo.

CAPÍTULO 4: A CONSTRUÇÃO DO TEMPO INTERNO

“É preciso cuidado,
Por que não se acompasse
O pulso do relógio
Com o pulso do sangue”.
(João Cabral de Melo Neto)

Para todas as ações do ser humano no mundo há uma correspondência dentro e fora, ou seja, para o homem há sempre uma atitude que revela o mundo interno e o mundo externo. Somos diretamente influenciados por um ambiente que está em constante movimento, seja pela necessidade do imediatismo, pelo transmutar da natureza, pelo sofrimento dos próprios seres que atuam neste meio. Passamos por cima do tempo em momentos individualizados, vivendo em uma impotência e um comodismo que, muitas vezes, não nos impulsiona à mudança. Entretanto, qualquer sensação desagradável gera desconforto, que acomoda por um tempo, mas aos poucos gera uma pressão interna tornando-se insuportável; desencadeando uma nova necessidade: a necessidade do bem estar, do alívio, de um novo sentido.

Em meio a geração capitalista, consumista do *fast*, encontram-se agora um novo tempo de despertar, o da sociedade *slow*³¹. A moda agora em alguns nichos do mundo ocidental é a do *slow food*, *slow motion*, *slow sensations* (tradução: comida

³⁰ Aqui acrescento qualquer outra modalidade de psicoterapia.

³¹ Slow na origem inglesa da palavra: lento, devagar.

devagar – produzida vagorosamente; movimento lento – nova tecnologia presente em filmes e televisões; sensações lentas – como um aprimoramento da sensação no sentido de: sintá-se, experimente, deguste lentamente). Em um movimento compensatório enantiodrômico, de movimento oposto ao ritmo acelerado da sociedade consumista *fast*, atualmente ocorre também uma valorização ao tempo lento, como se apenas neste ritmo fosse possível ter uma qualidade de vida.

O desejo ocidental atual pelo *slow* pode ser associado à grande característica hillmaniana que é “ficar com a imagem”. Para “ficarmos com uma imagem” é necessário lidar com a lentidão do olhar, a lentidão da pausa, da parada é envolver-se buscando profundidade. Isto requer tempo. Tempo de parada. Paciência. Paciência e lentidão como caminhos para a profundidade da alma e do mundo. Conforme música de Lenine:

“O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência”
 (“Paciência” – composição: Lenine)

Ao comentar sobre o assunto da lentidão do tempo Zoja (2005) acrescenta que a análise é o “tempo por aquilo que ele é”, ou seja, a análise é o *slow food* das psicoterapias (p. 27).

A seguir a propaganda de um estabelecimento em Praga na República Checa oferecendo um serviço de *slow food*:



Fonte: Foto - Renata Wenth

Nessa dinâmica cultural-social a que somos muitas vezes submetidos, sentimo-nos pressionados; mas também nos colocamos e somos geradores de pressão - é possível perceber que o tempo interno está longe de acompanhar o tempo externo. A pressão não vem só de fora.

Existe uma sutileza em tentar equilibrar esses tempos (interno e externo), onde como em uma dança, há o momento certo para o passo mais lento, e há o momento certo para o passo mais acelerado, agressivo, entretanto é o ritmo musical que prediz o passo. A pessoa atenta e interessada em respeitar os limites individuais conhece melhor a si mesma, relaciona-se mais facilmente com seu tempo de ser, de estar e viver. Por isso é muito importante conhecer a nossa música interna.

Em relação ao tempo externo, não existe uma fronteira concreta entre o mundo e a psique, isso porque o mundo externo é uma representação, onde todo conhecimento é mentalmente mediado pela subjetividade. Assim, o que existe na psique é invisível; de alguma forma o mundo existe antecipadamente na psique, o

que já determina uma inconsistência da compreensão do que é o tempo. Rocha Filho e Einloft em artigo “A física do tempo” acrescentam sobre o assunto:

“De um modo pictórico o tempo psicológico pode ser entendido como a velocidade de assimilação dos eventos pela consciência, e depende de nossa capacidade momentânea de capturar a essência dos eventos, que está relacionada com fatores emocionais. Assim, por exemplo, é provável que uma pessoa relembre em detalhes visuais ricos de informação certas cenas importantes de sua vida. Essa lembrança pode ser tão efusivamente complexa que seu desenrolar dê-se lentamente, o que poderia ser compreendido como uma redução na velocidade de passagem do tempo”. (Disponível em: <http://www.ijrs.org.br/artigos>).

A partir deste compreender complexo sobre o tempo externo e as emoções, surge um tempo oportuno, o tempo Kairós, que contribui também para a construção do tempo interno, pelo novo direcionamento que ele pode oportunizar. Hillman (1992) traduz que a idéia mais antiga de Kairós é algo a ser percebido e apreendido - como um alvo a ser atingido com uma flecha. Ele acrescenta:

“Kairós não tem absolutamente nada a ver com sorte ou acaso, mas muito mais que ver com um momento propício que precisa ser percebido através de nosso próprio poder e insight”. (p. 167).

É através da percepção do Kairós que pode ocorrer os momentos sincrônicos possibilitando que “coincidências” direcionem a psique para um novo sentido, com um novo significado.

Sincronicidade vem do (grego Syn, que significa junto, e Chronos) exprime uma correspondência significativa sem fenômenos ou elos causais. Jung (2003) relata que o “princípio da sincronicidade representa a particularidade essencial de um mundo não estatístico, onde os fatos não são medidos por números, mas por seu significado psicológico” (p. 91). Neste sentido compreende-se o tempo conforme uma perspectiva, ou seja, há relatividade de um observador, pois é somente na vida consciente que existe um tempo e um espaço.

Rocha Filho e Einloft (2006) lembram que “os eventos sincronísticos não ocorrem rigorosamente ao mesmo tempo, mas sim em pontos diferentes do tempo-espaço” (p. 66). Podemos perceber a ação da sincronicidade em batidas de trânsito, nas descobertas científicas, no encontro de conhecidos, e até nos processos inconscientes e conscientes que ocorrem nestas situações, é como se a psique

objetiva interferisse nos sistemas físicos, externos. Há sempre uma conjunção de acontecimentos que possibilita a manifestação do Kairós.

Eventos sincronísticos podem causar uma forte emoção em quem está vivenciando. Conforme Damásio³² (2000) sempre ocorre uma mudança global no organismo na manifestação de uma emoção, porque há uma modificação cerebral e orgânica, com a liberação de substâncias e processamento de circuitos, que desencadeiam comportamentos específicos. É um tempo inexplicável, um tempo de emoção.

Tanto a sincronicidade, como os eventos sincronísticos, podem causar forte emoção, entretanto é importante destacar que, para Jung (1985), os conceitos se diferenciam um do outro:

“Convém chamar a atenção para um possível mal-entendido que pode ser ocasionado pelo termo sincronicidade. Escolhi este termo, porque a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal, me pareceu um critério decisivo. Emprego, pois, aqui o conceito geral de Sincronicidade, de dois ou vários eventos, sem relação causal, mas com o mesmo conteúdo significativo, em contraste com ‘sincronismo’ cujo significado é apenas o de ocorrência simultânea de dois fenômenos” (Jung, 1985, p. 849).

Essa diferenciação conceitual deve ser considerada, pois nem tudo é sincronicidade, e é muito perigoso dar um sentido pessoal a tudo o que acontece: achar que todos os acontecimentos são simultâneos, ou neuroticamente querer achar significado em tudo neles. Um ego frágil não pode viver neste tempo, um tempo demasiadamente subjetivo, pois achará que tudo pertence ao tempo Kairós. Isto seria um grande gerador de ansiedade. Para tudo há um tempo de significado e associações e, muitas vezes, é preciso que esse tempo passe para posteriormente compreendermos o sentido.

A ação do tempo está presente em todos os acontecimentos diários e existenciais do ser humano. Sempre há um tempo de passagem, um tempo para as coisas se transformarem. A vida é alquímica, é transformadora, porque o tempo faz mudar, onde a própria transformação nos revela quem nós somos.

³² Chefe do departamento de neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa, é também professor adjunto no Instituto Salk de Estudos Biológicos, em La Jolla, Califórnia. Recebeu vários prêmios e honrarias científicas, como o prêmio Beaumont da Associação Médica Americana. Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras- 'O Erro de Descartes' 'O Mistério da Consciência'.

Ulson (2008) traz uma nova e interessante concepção na conceituação de tempo. Em que o tempo é o eixo da alma. Ele diz:

“É o tempo que produz as vivências da alma. Se a vida tridimensional é, na verdade, estática, é o tempo, que trazendo o movimento, nos faz ver o mundo anímico como processo. O tempo funcionaria como a quarta dimensão. Se o um é o mundo do espírito, o corpo, a terceira dimensão, o tempo, como alma, liga o corpo ao espírito e constitui o quarto elemento, que, como vínculo, une os dois anteriores e restitui a unidade primordial”. (p. 10)

Hillman (1984) comenta que alma não é um termo científico e que a modernidade acaba que por utilizar alma e psique como sinônimos. Entretanto, a psique é um fato natural concomitante à vida física, já a alma apresenta sobretons românticos e metafísicos, compartilhando fronteiras com a religião. Alma é um símbolo, por isso é carregado de conceitos ambíguos que resiste a qualquer definição “exatamente como acontece com todos os símbolos básicos”. O autor acrescenta que a alma “confere sentido, transforma acontecimentos em experiências, comunica-se pelo amor e tem uma implicação religiosa” (p. 41).

Já Rubem Alves diz que “O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas do relógio ou pode ser medido com as batidas do coração” (1999, p. 168).

O tempo é arquetípico, pois possui características potenciais, eternas, atemporais. Como diz Von Franz (1997) o tempo “(...) é o meio de tornar real aquilo que é potencial.” Já Jung (2008) diz que “o mundo arquetípico é eterno, isto é, fora do tempo, e está em toda parte, pois não existe espaço sob condições psíquicas” (p. 220). Assim sendo, compreende-se que o tempo criado por uma condição humana, sendo o tempo interno algo latente, manifestado através das tensões energéticas causadas pelas emoções.

Prigogine (1999) - biólogo evolucionista, Nobel de química em 1977 – disse que o tempo é uma limitação física da apreensão imediata da totalidade. Entende-se essa totalidade como todas as informações psíquicas presentes na articulação do Si-mesmo; como se o tempo impedisse uma onisciência (ainda bem!). Portanto, para o desenvolvimento psíquico a ação do tempo é essencial para que o homem tenha consciência da necessidade de redenção aos processos de deificação do tempo, no sentido de libertação egóica. “Os homens com idéias erradas consideram o tempo

como causa do cosmos, os sábios e bons, contudo vêem a Deus e não o tempo (como causa)” (Jung, 1995, § 425).

Interessante observar os valores espirituais diante do tempo da pós modernidade. O tempo religioso deixou de ter significado individual para alguns seres, para fazer parte de uma coletividade que enxerga a espiritualidade com um olhar vazio, onde o fazer parte significa pertencer a um ter e não a um ser. É como se a alienação individual e coletiva parecesse ser característica do nosso tempo. Observo tais situações pela excessiva quantidade de pessoas ditas espiritualizadas, mas que continuam a reforçar padrões superficiais de consumo. Escuto muitas pessoas em consultório, auto denominarem-se evangélicas, espíritas e/ou budistas, e através disso justificar atitudes que não condizem com a doutrina destas filosofias. É como se, fazer parte de uma congregação, desse o aval para que as pessoas atuem como bem entendem.

Eliade (1992) comenta em sua obra “O Sagrado e o Profano” que isso ocorre porque o homem não entende o tempo religioso em sua totalidade, com compreensão e comprometimento. Para a pessoa puramente religiosa, mesmo após crises universais, caos e/ou as pressões do tempo, ela sente-se conectada existencialmente com o tempo religioso independentemente do fator externo; dessa forma ela irá reencontrar traços do seu deus em qualquer momento ou qualquer manifestação do homem no mundo. Percebo que essa relação tem que ser transpessoal, pura; pois se assim não for, valores da sociedade consumista não irão ser abdicados, provocando o esvaziamento do tempo religioso.

O esvaziamento de sentido, também ocorre com os que dizem não ter nenhuma religião. O homem profano experiencia a religiosidade através de comportamentos religiosos esvaziados, sem significado. Nega e recusa-se a viver o tempo religioso, mas ao mesmo tempo este ser é fruto de um tempo religioso arquetípico, em que ele é herdeiro de culturas, mitos e da história passada de ancestrais que construíram a realidade religiosa através de vivências cristãs. Por não ter consciência total deste fato, alguns homens da atualidade procuram se libertar das superstições dos antepassados. Mesmo assim, através dos rituais culturais coletivos acabam que por vivenciar mitos religiosos camuflados, como as comemorações de Páscoa, festas juninas, Natal, entre outros.

Para compreender esta realidade é preciso saber que o tempo religioso refere-se a um tempo de renovação, devido aos rituais implícitos em cada cerimônia, onde os fiéis assumem novos compromissos de fé com e devoção com seu deus. Há uma diferença bem grande entre a compreensão do homem profano que experiencia o tempo profano, e o homem religioso que experiencia o tempo sagrado.

O tempo profano é um tempo sem mistério. Ele é compreendido como um tempo cronológico em que a dimensão existencial do homem é entendida conforme sua própria existência com começo e fim. Nesse sentido há um aniquilamento do tempo simbólico, um tempo que aponta para um sentido mais amplo. Assim, o homem profano no tempo profano, possui pensamentos e idéias circulares quanto a existência do homem neste planeta, mas vive em um tempo heterogêneo, descontínuo, em que há o tempo certo para o trabalho, tempo para a diversão, tempo para o ócio, tempo para o amor, e assim por diante. Esse tempo é experienciado através dos sentidos e emoções que cada indivíduo profano dá as suas experiências.

Já o homem genuinamente religioso, acredita que a realidade é permeada por uma sacralidade que transcende o mundo concreto, pois a religião potencializa a vida transformando a realidade. O sagrado não é obstáculo para a liberdade, mas é algo que já foi desmistificado, por isso faz parte do ser. É um tempo santificado baseado em alguma crença específica, que leva o sujeito a, naturalmente, seguir a vida conforme aquilo que nele foi tocado. Como alguém que serve e é servido pelo mundo. Ulson (2008) diz que o tempo sagrado e o tempo profano podem ser vivenciados juntos, através do tempo Kairós, que integra os dois e estabelece a totalidade primordial. Ele diz: “É quando sentimos o tempo fluir e não nos apegamos às regras, e não queremos nos prender a teorias e sistemas, estamos seguindo o destino e os planos de Deus” (p. 15).

O tempo religioso para este homem torna-se um tempo sagrado, um tempo mítico, circular, reversível, onde a renovação ocorre sempre que ritualizado. “O tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível” (Eliade, 1992, p. 38). Este tempo é vivenciado como um tempo primordial, não identificável em algum momento da história, um tempo original no sentido de que surge conforme necessidade de renovação.

“Toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do Mundo e a presença do homem no Mundo: em suma, a crise existencial é “religiosa”, visto que, aos níveis arcaicos de cultura, o ser confunde-se com o sagrado. (...) É a experiência do sagrado que funda o mundo, e mesmo a religião mais elementar é, antes de tudo, uma ontologia. Em outras palavras, na medida em que o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais, não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo, transhumano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito”. (Eliade, 1992, p. 101).

Dessa forma, conforme Eliade (1992), as três características do tempo sagrado, que se diferenciam do tempo profano, são: periodicidade, repetição e eterno presente (p. 318). Tais características são ampliadas pelo homem conforme seu desenvolvimento natural, por isso é interessante compreender que há um tempo de desenvolvimento, de maturação, marcado na nossa história pelos rituais.

Quando nascemos, passamos pelo batizado. Posteriormente para entrada na escola, início das relações sociais, do convívio com amigos, das primeiras festas de aniversário. Mudanças corporais ocorrem, menarca nas meninas, polução nos meninos, até chegarmos à adolescência. Festa de quinze anos, aniversário de 18 anos. Vestibular, entrada na faculdade. Formatura, conquista do emprego, primeiro salário. Casamento, lua de mel, nascimento dos filhos, e assim um novo ciclo se inicia... Até a segunda metade da vida, onde um outro tempo acontece.

Tais processos podem ser descritos linearmente, porém eles ocorrem em um tempo dinâmico, individual, onde cada um experiencia cada acontecimento, conforme seu tempo de maturação, conscientização e transformação. Como esses são processos perceptíveis apenas com o “passar do tempo” os ritos são extremamente importantes para que possamos muitas vezes nos situar no nosso tempo, na história.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”
(Fernando Pessoa).

Os rituais são como demarcações de passagem, das travessias que realizamos em um tempo de mudança. Eles permitem uma renovação do período anterior, em que um olhar direcionado ao passado é lançado, e a partir do festejo, encenação, cortejo, ritual, entre outros, uma nova fase surge, dando espaço a um novo momento que possibilita mudanças, reorganizações (concretas ou simbólicas) e compromisso, seja consigo ou com os demais presentes.

“As atuações ritualísticas, tanto entre os povos primitivos como para os homens contemporâneos, tem um propósito religioso, baseando-se em temas religiosos e arquetípicos, expressam suas imagens simbolicamente e envolvem totalmente o indivíduo. Transmitem uma sensação de significado elevado para este, e ao mesmo tempo, apóiam-se em representações adequadas do espírito dos tempos. Seja qual for o contexto da vivência ritualística, vida moderna ou vida primitiva, a transformação alcançada pode significar uma ampliação de consciência, uma mudança estrutural da personalidade ou o ingresso num novo status de vida na comunidade, promovendo o amadurecimento do indivíduo” (Bauch-Zimmermann, 2005, p. 32).

A própria psicoterapia funciona assim, como pequenos rituais psíquicos celebrados em cada encontro, possibilitando a transformação. O paciente é convidado a contar sua história, reviver seus principais momentos, lembrar velhos tempos, combater suas fragilidades e enfrentar dificuldades; para assim encontrar saúde e integridade psíquica. É a partir da relação terapeuta-paciente que podemos analisar o tempo das relações do paciente com o mundo a sua volta.

Avaliar o tempo nas relações humanas permite analisar que rumo iremos tomar na nossa existência, dando uma orientação mais sólida perante a ansiosa pós-modernidade que, muitas vezes diante da velocidade nos coloca em um padrão mecânico de ações e posturas.

Do ponto de vista relacional evidencia-se uma era de superficialidade, de identificação com a persona, e de intolerância perante o tempo do outro. Resultados imediatos, prazeres rápidos são privilegiados diante do processo, da conquista, o que ocasiona um afrouxamento psíquico de tensão de opostos. Essas tensões são experienciadas conforme a singularidade/processo de cada pessoa. Elas podem proporcionar a manifestação de experiências transcendentais, permitindo um possível ressignificado, dando espaço para o indivíduo avaliar uma nova direção; ou ainda, estas tensões tornam-se superficiais, perdendo o sentido profundo,

aparecendo apenas como fuga para uma realidade onde não há entrada para a compreensão psíquica.

Este processo do tempo nas relações pode ser observado tanto nas interações profissionais como amorosas.

Nas relações profissionais a competitividade toma conta acabando com a imaginação, criatividade, percepção, capacidade de empatia, observação e espontaneidade de qualquer um que tente “ser”. Estamos sujeitos a padronização, ajustamento e manipulação das empresas e/ou colegas que visam apenas resultados. O homem deixa de lado seu potencial criativo, para se tornar peça de uma engrenagem. Assim, as relações profissionais são estabelecidas por um constante apego e desapego, seja com o colega ao lado, seja com a função exercida. Isso ocorre, pois há uma pressão em ter que estabelecer boas relações e um bom desempenho no ambiente de trabalho, entretanto sem muito aprofundamento e sinceridade, pois é necessário manter um distanciamento saudável diante da competitividade.

Em meio a este ambiente contaminado pelo tempo da “pressa de resultados”, as pessoas distanciam-se cada vez mais umas das outras, as conversas deixam de ser pessoais e tornam-se formais, mediadas pelo computador, telefone, entre outros. Dessa forma, como podemos sentir o outro e observar suas expressões? Ironicamente, nunca se buscou tanto no mercado de trabalho, profissionais que “saibam trabalhar em equipe”, habilidade unânime na seleção de candidatos.

Já nas relações amorosas nunca houve tanto espaço, tempo e liberdade para as escolhas, entretanto relatos da clínica psicoterápica revelam que o ser humano está muito insatisfeito e ansioso em relação à escolha dos seus parceiros. Isso ocorre por que assim como a velocidade da modernidade afeta nossa rotina diária, ela também afeta as nossas decisões e interações.

Bauman (2004) comenta que na sociedade líquida em vivemos, o outro é considerado um objeto, em que pode ser descartado, perdendo seu valor conforme usufruto do potencial já consumido. Assim, o ser humano em suas relações amorosas age apenas como um indivíduo consumista de afetos e experiências.

Isso ocorre porque tememos a abertura da nossa intimidade e da intimidade do outro e de um possível comprometimento. É o medo de se expor e ser

posteriormente recusado. Bauman (2008) comenta: “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos” (p. 29). Já Graubart³³ (2007) acrescenta que ser rejeitado faz parte do desenvolvimento, pois a partir da rejeição a pessoa aprende a lidar com a frustração. Rejeitar significa fazer eco, repercutir, lançar para fora, rebater. Por isso, para a esta autora apesar de não existir a entrega total nas relações amorosas, uma entrega de alma, há uma disponibilidade corporal de entrega ao outro, uma entrega apenas física.

Por isso a crescente popularidade dos pontos de encontros virtuais, como internet, cyber cafés, que não exigem exposição concreta. Tais encontros virtuais caracterizam relações assépticas e descartáveis, onde o simples pressionar de uma tecla de desconexão, não provoca culpa ou constrangimento em relação ao outro, afinal de contas, se não há comprometimento, há uma indiferença existencial em relação ao outro. De acordo com Bauman, em nossa sociedade “manter-se à distância parece a única forma razoável de proceder” (2008, p. 93), no sentido de que devemos preservar nossos anseios de alma e mantermos relações mais superficiais, pois com relações menos profundas, sem entrega ao outro, ficamos mais focados no crescimento individual. Não há perda energética em relação ao outro, assim o foco central é em si.

Nessa sociedade onde há urgência pela instantaneidade, não há tempo para o adiamento, para postergar o desejo, para o amadurecimento, para a tomada de consciência. As relações amorosas tornaram-se mais frouxas, menos restritivas, onde é preciso entregar-se, mas com o pé no chão; amar, sem criar expectativas; ter ciúme, mas na medida certa para apenas apimentar; ser intenso, mas não sufocar. Dessa forma a relação amorosa torna-se uma experiência constante de esconde-esconde do querer ficar sozinho e ao mesmo tempo encontrar a alma parceira.

Graubart (2007) reflete que isso ocorre nas relações amorosas porque o vazio interior surge de um ego contaminado por projeções da cultura de massa que é caracterizada por pessoas inconscientes, que estão afastadas de seus processos internos e influenciadas pelos apelos coletivos vindos do externo. Ela diz:

³³ Silvia Graubart é analista junguiana, jornalista, terapeuta sexual, membro da Associação Junguiana do Brasil (AJB), do Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP) e da International Association for Analytical Psychology, Zurique (IAAP).

Em sua não-existência vazia, na qual um pode ser todas as coisas para o outro, vivem como verdadeiros camaleões, que se defendem dos predadores assumindo as características que o meio lhes impõe. E passam a reproduzir infinitamente tal comportamento até que uma pálida e sutil inquietação interna os desarme para um primeiro contato com suas demandas da alma (p. 32)

Para Fromm (1987) na obra “Ter ou Ser?”, as relações interpessoais da modernidade tecnocrática valorizam o Ser ou Ter. Para ele considerar o outro como Ser é respeitar as diferenças individuais, possibilitando uma abertura amorosa considerando a singularidade de cada pessoa perante a pluralidade de indivíduos compostas por diferentes naturezas. Já o Ter seria avaliar o outro dentro de uma perspectiva ávida de posse, onde há apenas o desejo de usufruto máximo, sendo descartada após consumo simbólico. Assim, para o autor, Ter se tornou mais importante do que Ser. Ele ressalta que nessa mudança de valores, os critérios utilizados são com base no material e no quantitativo, por isso há um vazio existencial, um empobrecimento, que transforma as pessoas de indivíduos singulares para indivíduos de consumo.

Este tempo nas relações foi construído e transformado pelo externo, mas também pelas transformações internas que o homem passa na relação consigo mesmo. Refiro-me a isto, pela reflexão que faço diante de acontecimentos transitórios na vida do homem, como lidar com os próprios sucessos e fracassos.

Conquistar algo almejado seja no âmbito pessoal ou profissional leva o sujeito a experienciar um outro tempo; o tempo de sucesso. Este tempo é altamente desejado pelo homem - que em meio à cultura consumista e narcisista - volta suas energias para a devoção unilateral do sucesso. O tempo de sucesso é sempre uma meta pessoal e coletiva. López-Pedraza no livro “Ansiedade Cultural” (1997) comenta que, se a demanda de sucesso é o lema, este passa a ser um complexo autônomo, assim:

“O sucesso não precisa estar ligado às possíveis delimitações de cada um nem a nenhuma realidade terrena: necessitamos ter sucesso em qualquer coisa e a qualquer preço. Quando, por causa dessa demanda, caímos na repetição de que temos de vencer, ‘seguir em frente’, que o sucesso está no futuro, entramos num estado fantasioso que nos faz merecedores de sucesso” (p. 95).

Estar dominado por este tempo é estar dominado por um tempo apolíneo, que é personificado do deus grego Apolo, caracterizado pela unilateralidade de

brilhanço e da visão de sucesso. O estado apolíneo é apenas conectado com o lado luminoso, da harmonia, da verdade, da beleza, da perfeição, do equilíbrio e da razão. Por isso a pessoa neste tempo está também em estado de inflação psíquica. Conforme explica Jung no texto *Psicologia e Alquimia* (Vol. XII, 2005) “uma consciência inflacionada é sempre egocêntrica e só tem consciência de sua própria presença. É incapaz de aprender com o passado, de compreender o que acontece no presente e de tirar conclusões válidas para o futuro” (§ 563). Assim em estado de inflação a pessoa fica inconsciente da própria consciência perdendo a capacidade de discriminar as coisas.

Administrar o tempo também é sinônimo de sucesso. Muitos psicoterapeutas ligados à área organizacional atuam como “coaches” auxiliando clientes em programas práticos, sendo modeladores do comportamento, para que “otimizem” o tempo. Mesmo na vida pessoal e isso é muito louco.

O sucesso em todas as suas facetas faz parte de um tempo construído por cada ser para preencher as expectativas, crescer, impulsionar, ser alcançado; algo que contribui para o processo de individualização. Caso ele seja vivenciado de forma desmedida pode ser tornar destrutivo. Muitos artistas de teatro, televisão e cinema que vivenciam o sucesso por muito tempo, quando o perdem podem sofrer de depressão e até cometer suicídio. Isso ocorre porque assim como há o tempo de sucesso, há um tempo de fracasso; afinal de contas, o tempo da velocidade contemporânea, muitas vezes, não permite uma pausa para reflexão das nossas não conquistas; isso se estivermos se tomados por esse tempo.

López-Pedraza (1997) discute sobre a importância de criarmos consciência dos nossos fracassos, porque é neste tempo que estão presentes as experiências de sofrimento. O autor comenta que é através das experiências de fracasso é que encontramos as possibilidades de reflexão, ele diz “a demanda de sucesso é tão avassaladora que não nos provê do tempo nem do ritmo interior necessário para que a reflexão seja possível” (p. 94).

A pessoa que não se conecta com o tempo de fracasso, não entra em contato com as áreas obscuras da sua própria natureza. “É preciso um mínimo de tempo para que a reflexão ocorra, e que esse tempo considere o ritmo interno, a lentidão em que a reflexão acontece. Isso só é possível dentro das complexidades da

natureza de cada um” (p. 100). Entrar em contato com esse lado permite que a interioridade se movimente dentro de um tempo interno construído por cada um.

López-Pedraza (1997) acrescenta que muitos pacientes vêm para a terapia com idéia de que o terapeuta irá reforçar as fantasias de sucesso e dessa forma, o paciente irá livrar-se da responsabilidade de lidar com suas dificuldades, limites e frustrações. O mesmo pode ocorrer com a figura do terapeuta, que inundado pelo complexo do curador heróico pode achar que não irá nunca fracassar. Essa consciência deve ser construída por ambos durante o processo, para que assim se instale um tempo de consciência, para que se compreenda que o material psicológico trata da natureza humana, que é composta pela consciência de sucesso e de fracasso.

Esse tempo na terapia que López-Pedraza comenta nada mais é do que relatar um tempo simbólico, um tempo mítico, onde a linearidade não existe.

O tempo simbólico é composto pelo tempo do Self. A palavra símbolo vem da origem grega *symbolon* que significa “aquilo que foi colocado”. Seu significado representa a metade de algo que está faltando, ou seja, através do símbolo as pessoas resgatassem a totalidade original do ser, curando-se da vida alienada e construindo a fonte de significado, completando o sentido da nossa existência.

O significado da vida está no sentido que damos a ela, entretanto não encontramos sentido, se não olharmos para dentro. O tempo simbólico tem uma realidade própria na psique, uma realidade interna ímpar. Esse é um tempo completamente ligado a subjetividade, a vida psíquica. Assim, esse tempo acaba por ter características atemporais, pois ele não é percebido, o que conta são suas manifestações simbólicas. Os símbolos são produzidos no inconsciente sendo tentativas naturais de unir as polaridades psíquicas conscientes e inconscientes. Toda expressão psicológica também pode ser considerada símbolo, pois ela é a melhor expressão de algo não conhecido, isso porque as imagens produzidas podem ser interpretadas semioticamente como sinais que apontam a fatos conhecidos ou conhecíveis.

O tempo simbólico é um tempo que toca as pessoas. É um tempo que pode ser reconhecido por sua numinosidade. Por possuir características pessoais e

universais, o tempo simbólico é por si só arquetípico. Este tempo ser reconhecido através de imagens que controlam, ordenam e dão significado a nossas vidas.

O tempo mítico está presente em estudos filosóficos, religiosos, psicológicos, entre outros. Ele é caracterizado por um tempo circular, fluído, que pode ter sido aproveitado, significado, pode gerar mudanças, pela pessoa que o vivencia. É um tempo recheado de simbologias, de pausas, acelerações, compassos e descompassos. Um tempo em que não há regras. Um tempo único, em que as coisas simplesmente são.

Hirata (2005) comenta que mediante a cultura *fast-food*, não há tempo de viver um tempo de transcendência, tampouco de humanização do arquetipo do Self. O autor explica, que o tempo simbólico é vivenciado através dos mitos, que possibilitam um “salto no tempo” propiciando um novo quantum de energia à psique durante a tensão entre opostos, por exemplo. É através da função transcendente que a idéia alquímica de transmutação ocorre. Assim, quando mitificado, o tempo passa a ter um significado pelo simbolismo atribuído.

Pode ser através da experiencia com tempo mítico, que os questionamentos existenciais ocorram, onde pausas para indagações e reflexões tomam forma e acontecem. É um tempo poético. Garcia dos Santos, em sua obra “O tempo mítico hoje” (1992) relata que “para o poeta moderno a própria experiência do tempo mítico tornou-se uma crise violentíssima, não só porque os outros não têm ouvidos para ouvir, mas porque se instaura um enorme descompasso que dilacera o homem entre o tempo linear da história e o tempo cíclico do mito e da natureza” (p. 196). Desta forma, o tempo esta sempre recomeçando, se recriando, iniciando e se eternizando.

Para Paz (1984) o tempo mítico permite a existência de uma pluralidade de tempos, ele diz: “O tempo mítico, pelo contrário, não é uma sucessão homogênia de quantidades iguais, mas sim acha-se impregnado de todas as particularidades da nossa vida: é longo como uma eternidade ou breve como um sopro, nefasto e propício, fecundo e estéril” (p. 189). Ele reflete sobre a importância do tempo mítico para a construção do tempo interior e a importância dos rituais e cerimônias durante feriados e festividades. Ele fala:

“Este tempo mítico, original, pai de todos os tempos que mascaram a realidade, coincide com o tempo interior, subjetivo. O homem prisioneiro

da sucessão põe abaixo o seu invisível cárcere de tempo e atinge o tempo vivo: a subjetividade se identifica por fim com o tempo externo, porque ele deixou de ser medição espacial e se tornou em manancial, em presente puro, que se recria sem cessar. Por obra do mito e do feriado – secular ou religioso -, o homem rompe a solidão e volta a ser um com a criação. Assim, o mito – disfarçado, oculto, escondido – reaparece em quase todos os atos da nossa vida e intervém decisivamente na nossa história: abre para nós as portas da comunhão” (Paz, 1984, p. 190).

Compreendo assim que o tempo mítico é o que, analogicamente, mais se aproxima com o ritmo do tempo interior, entretanto, todos esses “tempos” estão presentes dentro de cada um de nós, em um tempo Sélfico. São eles que compõem e atuam sob nosso tempo interno, como diferentes notas de uma canção.

É a passagem do tempo que permite observarmos as mudanças e a dar mais valor a um tempo para si. Oliveira (2003) diz que “um tempo para si, é, muitas vezes, o momento de introspecção, de pensar na vida. Tempo de fazer projetos, de sonhar, de caminhar sem testemunhas. Um tempo não hipotecado” (p. 60).

É através das experiências do tempo que caminhamos pela vida criando “ilhas de repouso” psíquicas, onde podemos nos refugiar e parar para refletir. Percebo que é o silêncio que permite o tempo interno manifestar-se e ser construído. Rocha Filho e Einloft (2006) acrescentam que a paz somente pode ser alcançada na atemporalidade (p. 87). O que deixa as pessoas tristes é a velocidade do tempo, a pressão de Chronos, seja ele manifestado pelo interno ou externo. Qualquer experiência com o tempo contribui para o processo de individuação.

“Ninhos são isso: pausa.”

(Renata Pallottini).

Rocha Filho e Einloft (2006) dizem que a individuação “é o fenômeno central da própria existência do universo, sendo o tempo uma construção necessária para que a existência possa ser percebida pela mesma psique que a realiza” (p. 84). Assim o tempo e a passagem do mesmo, possibilita que a pessoa torne-se uma, em sua totalidade, consigo e com o meio na qual está inserida. “A individuação não exclui o mundo, pelo contrário, engloba” (Jung, 2009, § 432). Por isso a individuação é um fenômeno central da própria existência, sendo o tempo uma construção necessária para que a existência possa ser percebida pela psique.

O processo de individuação é estruturado a partir das experiências presentes no transcorrer da vida de todo o ser humano. A própria mudança corporal demarca a passagem do tempo. Na atualidade, devido à supervalorização do corpo físico, muitas pessoas dissociam a idade cronológica com a mental. Ulson (2008) destaca que constantemente somos encarnados pelos arquétipos do puer-senex (p. 16-17), pois a percepção de cada pessoa varia conforme experiência emocional ligada ao transmutar do tempo.

Aquele que é respeitado por seu tempo interno é mobilizado a aceitar as mudanças da vida, seja de envelhecimento, seja de morte. A angústia do sujeito em lidar com a própria história e compreender o tempo fica mais clara em pessoas que vivenciam o luto antecipatório - seja o luto diante de um processo de adoecimento, seja o luto pela perda de um ente querido. O termo luto antecipatório refere-se ao luto antes da perda real. Esta expressão foi criada por Lindemann, em 1944, para designar pessoas enlutadas no período anterior à morte em si, que já tinham se libertado dos elos emocionais com a pessoa falecida.

O período anterior a morte gera grande ansiedade, pois não existe a certeza da morte, mas a percepção de que a pessoa está decaindo ou de algo está se desfazendo. O tempo parece não passar; ao mesmo tempo em que, qualquer acontecimento demarque uma passagem acelerada, como se faltasse tempo para fazer tudo o que se quer. Rubem Alves (1990) diz que “diante da morte é assim: dizer tudo, falando pouco, porque o tempo é curto” (p. 79). Ocorre nestas ocasiões ensaios de papéis, onde as pessoas em volta experimentam como irão ficar as responsabilidades e a vida após a morte daquela pessoa; ou perda de determinada situação.

De fato, quando o inconsciente avisa sobre a morte iminente, fazendo aflorar nos sonhos conteúdos relacionados com a aceitação desse fato, as informações conscientizadas aludem à continuidade da vida e do processo de individuação, como se o inconsciente não reconhecesse a morte como um fim. Dar crédito a esses afloramentos do inconsciente, procurando interpretá-los no contexto da individuação, obviamente não nos livra da morte, mas permite compreendê-la como uma passagem, ou um fato limítrofe entre dois momentos, tão real e necessário como o nascimento (Rocha Filho e Einloft, 2006, p. 85).

Worden (1998) destaca que “uma das dificuldades num período muito longo de luto antecipatório é o fato de uma pessoa poder recuar emocionalmente muito

cedo, muito antes de a pessoa de fato falecer, o que pode estabelecer uma relação inadequada” (p. 130). O mesmo ocorre com o paciente que percebe que está morrendo. A perda da vida, e de diversas pessoas queridas de uma só vez sobrecarrega o paciente fazendo com que ele recue diante do impacto. Conforme Jung (2008):

“[...]Não se deve lamentar os falecidos – eles levam grande vantagem sobre nós – mas deve-se lamentar antes os que ficaram, que precisam contemplar a fugacidade da existência e suportar a despedida, a dor e a solidão.[...] Invejável é o destino daqueles que ultrapassaram o limiar, mas a minha empatia está com aqueles que precisam continuar seguindo o rio de seus dias, cumprindo a tarefa da existência na escuridão do mundo, num horizonte acanhado e na cegueira da ignorância, para ver toda sua existência, outrora plena de imensa vitalidade e força, ruir pedaço por pedaço e precipitar-se no abismo do passado. Este modo de considerar a velhice seria insuportável se não soubéssemos que nossa alma vai chegar a uma região onde não será aprisionada pela mudança no tempo nem pela limitação no lugar. Nesta forma de ser, nosso nascimento é morte e nossa morte é nascimento. Os pratos da balança do todo estão em equilíbrio.” (p.177).

A proximidade da perda, seja ela provocada pela morte, ou por pequenas perdas diárias no qual passamos no nosso cotidiano, provocam grande angústia na maior parte das pessoas. O tempo pode surgir como aliado, afinal de contas, o tempo não cura? Às vezes sim, às vezes não. Como diz Ulson (2008) é bom tê-lo como “o mais fiel companheiro”, porque o tempo passa, a vida passa. A respeito do assunto o filósofo chinês Confúcio comenta:

“O que acontece após a morte?
Quer saber da morte?
Bem, pouparei meu fôlego.
Quando você conhecer a vida, e só então,
Tomaremos a falar da morte”
(Confúcio).

O escritor e filósofo Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), representante da filosofia estoíca, em cartas escritas em 63 d.C. comenta:

“Podes me indicar alguém que dê valor ao seu tempo, valorize seu dia, entenda que se morre diariamente? Nisso, pois, falhamos: pensamos que morte é coisa do futuro, mas parte dela já é coisa do passado. Qualquer tempo que passou pertence à morte” (p. 15).

A dificuldade em lidar com a experiência de terminalidade, de envelhecimento, de fim, é que muitas vezes, contribui para que as pessoas lidem mal com o tempo e com as experiências em vida. Hillman comenta:

“O chamado de Hades sugere que todos os aspectos dos processos da alma precisam ser lidos em relação à sua finalidade, não apenas como parte do processo humano em geral em direção a morte, mas como eventos específicos daquela e naquela morte. Cada faceta então é uma imagem acabada em si mesma, completando seu propósito que é, ao mesmo tempo, sem fim, não literalmente sem fim no tempo, mas ilimitado em profundidade [...] O fim não está no tempo, mas na morte, onde morte significa *Telos* ou a completude de qualquer coisa” (1979).

E quando nossas experiências com o tempo estão relacionadas à dor, ou dificuldades de perda? Recebi por e-mail a declaração de uma mãe que perdeu um filho. Ela comenta. “Para cada momento uma lembrança e a ferida que não cicatriza, parece ainda mais exposta e vulnerável com o passar do tempo, dizem que o tempo é o melhor remédio, creia, ele é amargo demais” (por Christiane Souza Yared - 2010). Esta mãe está em um tempo de luto, de dor, onde a passagem do tempo não é percebida, apenas sentida. “A morte de um filho, o ciúme no amor, o pavor da escuridão da noite, o envelhecimento, o pecado e o remorso: todas as imagens e experiências de minha alma são as mesmas da tua alma” (Hillman, 1984, p. 69).

Às vezes reflito que, quanto mais acesso às informações o mundo propicia ao ser humano, mais ele se afasta do que é realmente essencial. Na Grécia antiga, o homem grego estabelecia uma relação profunda e direta com os deuses, entretanto sua principal relação era com seu próprio destino, o que o conferia dignidade. Isso porque havia a compreensão de que o destino está ligado ao finito, ou seja, o destino é a morte. Havia uma aceitação natural da morte, como parte da vida.

Acredito que lidar com a morte é saber lidar com o tempo em vida, como já disse Jung no volume VIII/2 “A natureza da psique”. É se responsabilizar pelo tempo, respeitando o tempo interno de cada um. É ir em busca do conhecimento, não apenas intelectual, mas experiencial. É construir verdades se aproximando da essência espiritual, da beleza, de Deus. Saber é diferente de “estar de frente”, se deparar com; por isso experienciar é tão importante, pois acredito que a perda do controle do destino e a falta de consciência é que causam o medo.

“O tempo está ligado, psicologicamente, com a morte, pois é o tempo que tudo consome e é ele que nos conduz a morte. A vida pode ser vista como o presente, pois o passado e o futuro estão ligados à morte. O passado, na realidade, já morreu, e o futuro será a morte para todos nós” (Ulson, 2008, p. 10).

Quando há responsabilidade e comprometimento com o destino, a morte passa a ser menos temerosa, pois a pessoa passa a dar valor à construção de vida, em um tempo verdadeiro, cheio de possibilidades. Surge assim a aceitação da morte, que, creio eu, vem sempre de dentro para fora. Este é o tempo de conscientização, onde tomar consciência significa se dar conta que as experiências de passado – presente – futuro são um processo encadeado.

Acredito que o tempo de conscientização seja o impulso e o alimento para a energia vital. Alimentar esta energia permite integrar emoções, pensamentos e idéias, de forma total; possibilitando que vivamos no aqui e agora, onde pensamos, refletimos e sentimos nossas atitudes, de forma fluida e natural. Como dizia Sócrates, para cuidar-se de si-mesmo é necessário conhecer a si-mesmo; considerando que “não pode haver consciência sem a percepção das diferenças” (Jung, 1988, párag. 603).

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus
braços, que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba
mais de mim.
(Ausência, Carlos Drumond de Andrade).

Tomar consciência das condições da vida humana é perceber a passagem do tempo. Dessa forma até a ausência, descrita por Drumond torna-se experiência de vida, conquista.

Assim como a ausência, inevitavelmente o homem irá depara-se em algum momento do ciclo vital com o encontro com o vazio. Sobre isso, Von Franz (1990) comenta que quem ignora a mensagem dos conteúdos inconscientes vai à morte como quem viaja ao encontro do nada (p. 12).

As perdas mais difíceis de suportar são as que não podem ser substituídas, e sim, somente podem ser aceitas. A morte de alguém que você ama terrivelmente. As palavras conciliatórias que você queria ter dito antes, agora jamais poderão ser ditas. As restaurações que você queria fazer em seu amor nunca poderão ser efetuadas. É tarde demais. As únicas mudanças que agora podem ocorrer são dentro de você, e em sua atitude. (Viscott, 1982, p. 40).

Lidar com o vazio, com o nada, exige introspecção, exige silêncio, exige pausa. Talvez perder seja difícil, mas se dar conta e aceitar a perda, percebendo as próprias limitações e dificuldades é ainda mais complicado, pois nos faz perder o controle, e ainda ter que admitir que inicialmente estávamos errados em querer manter uma situação que não era possível. Mas esse é o caminho inicial para o encontro consigo mesmo. É o despertar de novos sentimentos que antes estavam escondidos. Aprofundar essas questões possibilita o sujeito a compreender a vida, a morte, e o sentido da existência. É através do contato com o vazio existencial que o indivíduo poderá encontrar novos recursos para lidar com as perdas e com a falta de controle do tempo.

Lidar com o tempo ainda é muito assustador, porque ele ainda é espectro do vazio. Por isso experienciar o tempo em suas diferentes facetas possibilita reflexão, sendo este um recurso para construção de um tempo interno, construído pelo próprio sujeito. Este tempo é que irá relacionar-se com as perdas, com a morte, com a existência, possibilitando transformações internas.

Acredito que a partir desta construção que a pessoa irá relacionar-se melhor consigo mesma, com as pessoas a sua volta, e com os grupos no quais está inserido. É ressonante. Aprender a se adaptar às exigências culturais e coletivas, conforme nosso papel na sociedade e ainda sermos nós mesmos é um desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo não pára. Ele é marcado por um compasso invisível regendo a vida com suas pausas, acelerações, proporcionando experiências de cura e devastação, ele é sempre implacável, contínuo. A temporalidade é extremamente importante para nos situarmos no espaço em que estamos inseridos. Experimentar o tempo em sua passagem com atemporalidade, como nos sonhos, onde não percebemos sua passagem, é permitido; entretanto viver na atemporalidade pode ser considerado um quadro patológico. Por isso lidar com tempo cronológico nos permite ter uma relação positiva ou negativa dependendo da relação emocional que estabelecemos com o tempo. É um processo, um aprendizado. Ainda acredito que o ser humano possui dificuldades para lidar com o tempo e construir sentido, pois ter mais consciência das coisas exige pausa, parada e isso demanda tempo. Creio que é experimentando o tempo em diferentes formas, que as pessoas irão construir suas experiências e aprenderão a lidar melhor com ele. As transformações podem ainda ocorrer com sofrimento, entretanto com melhor aceitação, sem imposições e pressões, mas de um jeito oportuno e organizado.

Imersos em uma cultura onde há a constante pressão de urgência para realizar as coisas, buscamos o prazer e a felicidade, o tempo de sucesso, com intensidade e excitação, através de um acelerar do tempo, muitas vezes,

ultrapassando os próprios limites internos. Não permitimo-nos ao ócio, o tempo de parar e refletir, entender qual o ritmo próprio de cada um de nós. Estamos condicionados a produzir. O mundo se tornou complexo demais, veloz demais, tenso demais.

Nossas concepções sobre o tempo precisam ser integradas, de modo que a construção do tempo interno possa permitir um acontecer, possa estar a serviço de um processo de transformação, possibilitando o indivíduo conectar-se consigo mesmo. Nossa relação com o tempo é um importante indicador de nossa relação com o mundo interno, por isso cuidar do tempo interno também é muito importante, como diz Hillman (1984) amar a si mesmo não é tarefa fácil, pois exige que lidemos com a humilhação de suportarmos a sombra e com aspectos socialmente não aceitos. Por isso às vezes cuidar não significa nada mais do que carregar, lidar com (p. 79). A pessoa que não se situa no seu tempo interior, de alguma forma não se situa na sua existência. Ter autoconhecimento é também saber lidar com o tempo.

Para isso nossa relação com o tempo precisa passar por uma reflexão, pois lidar com ele é ganhar autonomia sobre a vida. Quem tem tempo, não é que não faz nada, mas quem sabe administrar o tempo, relacionar-se com ele e fazer boa parte do que está destinado a ser, saber o que somos e a que estamos sujeitos. Por isso, o tempo é um revelador químico de novos sentidos que os sujeitos poderão utilizar para reconstruir novas noções de família, trabalho, sociedade e valores humanos. Todas estas instituições e relações estão submetidas a um processo de abertura a um mundo de formas e possibilidades que se evidenciaram pelo uso que dermos ao tempo. Assim, compreendo que tempo é vida, como também, um processo que facilita ou prejudica o passar e o acontecer da vida.

Quando o nosso tempo termina, acaba a nossa vida. Não há maneira de obter mais. Embora programados para a eternidade, vamos morrer, sim, não de câncer ou infarto, mas de pânico, tédio ou vazio existencial, caso não dermos sentido ao nosso tempo de vida. Em contrapartida, às vezes penso que não morreremos, pois esse é apenas um tempo que se vai. A existência continua, por isso é tão importante dar sentido a ela.

Perceber a passagem do tempo de vida é escrever a biografia da existência neste agora, e estabelecer uma linha do tempo, que como em um filme

cinematográfico, a passagem do tempo é uma ilusão que possui imagens fixas dentro de uma sucessão rápida. Assim, sem conhecer as influências do tempo no nosso interno e externo, as pessoas ficam sujeitas a um tempo cinematográfico que provoca no indivíduo todo um complexo de emoções e significados, porém sem permitir que a pessoa consiga isolar e analisar apenas o que lhe serve. Precisamos desta forma nos relacionar com o tempo, e saber qual o limite dele dentro de nós, afinal o que é possível para mim neste tempo de vida? Muitas vezes é por isso que as doenças terminais nos fazem parar no tempo e reavaliar a vida. Se constantemente parássemos para refletir e interagir conosco, teríamos conseqüentemente mais riqueza em nossas experiências, lidando melhor com o tempo.

Por isso o psicólogo, como profissional de saúde, tem uma responsabilidade muito grande no exercício de sua profissão que é de auxiliar as pessoas a retomarem o foco da construção da experiência do tempo interno em algo existencial. Justamente pelo tempo ter um caráter transitório e ao mesmo tempo eterno, o profissional psicólogo precisa junto ao paciente resgatar a temporalidade da dimensão interior, que é onde estão nossas expressões da alma, e dar chance a um replay de nossas vidas. Através de pausas para tais reflexões podemos compreender o passado e re-significar as questões presentes e futuras, pois o passado reverbera no tempo. Afinal de contas, como diz Cazusa, o tempo não pára:

“Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára
Não pára, não, não pára”
(Trecho da música “O tempo não pára” –
Cazusa).

Sobre tal assunto, Oliveira³⁴ (2003) diz que é necessário organizar e reconhecer o tempo com uma nova formatação é criar uma reengenharia do tempo que “é uma maneira de reintroduzir o debate, hoje tão relegado e esquecido, sobre o

³⁴ Formada em direito pela PUC/RJ. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra. Representante do Brasil junto à Organização dos Estados Americanos (OEA), consultora do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criou a ONG Centro de Liderança da Mulher, em RJ.

sentido da vida. A organização do tempo é a exteriorização de um debate íntimo, mas também público sobre a felicidade, o bem estar, e a responsabilidade moral” (p. 129). Felicidade aqui pode ser compreendida como a arte de viver a vida, de reconhecer e lidar com os tempos que aparecem na vida. É a habilidade de lidarmos com as dificuldades e obstáculos com equilíbrio e desapego, para termos maior capacidade para discernirmos o real do ilusório, o profundo do superficial, o necessário do dispensável. É preciso transformar a vida real em um tempo mais simbólico, onde tempo e felicidade caminham de mãos dadas. Todos os momentos são para serem vividos com felicidade, sabendo que este é um processo interno dissociado da pressão do mundo externo. Como exemplo, posso citar o filme “A Vida é Bela” (1997), em que, mesmo em um campo de concentração cheio de desgraças, a criança (personagem principal) vivencia com extrema felicidade as experiências infantis. Em contrapartida, escuto em consultório, muitas pessoas sentirem-se sós, mesmo em festas com muitas pessoas ao redor.

A partir deste trabalho percebi que carecemos aprender a lidar com o tempo, mas com o nosso próprio tempo, ao qual reconheço como tempo interno. É valorizar o tempo das simplicidades e reconhecer o prazer e a felicidade dentro da alma de cada um de nós, considerando nossa história passada, vivenciando plenamente o presente e agradecendo de alguma forma o que o destino, do qual somos responsáveis, nos reserva. É resgatar o tempo de espera, refletir sobre a necessidade de sempre preencher o tempo, e ainda lidar com o inevitável potencial do vazio/solidão que carregamos em nós. É experienciar o tempo como um processo, o desfrutar de um caminho e não uma meta. Só assim o tempo estará a serviço das transformações internas.

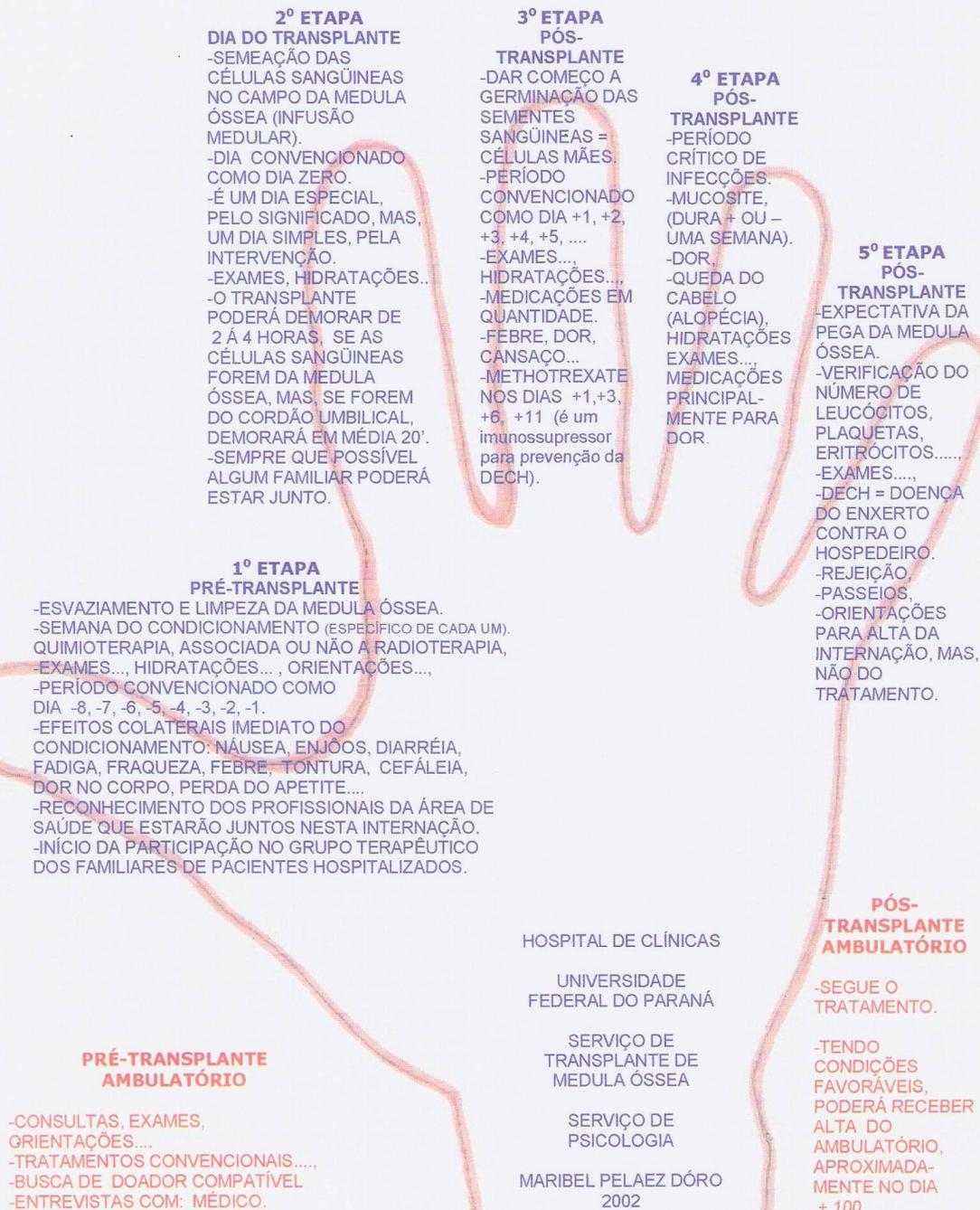
Para finalizar, deixo uma reflexão de Jostein Gaarder³⁵ (2010), escritor norueguês, em “O castelo dos Pirineus”: “Não sabemos quando há de ser, mas um dia nós iremos embora deste carnaval cheio de máscaras e papéis, legando apenas alguns bens passageiros que depois também serão varridos. Somos obrigados a sair do tempo, disto que chamamos de realidade” (p. 8-9).

³⁵ Este autor ficou conhecido por sua obra: “O mundo de Sofia” em 1995.

ANEXOS

ANEXO 1: ETAPAS DO TRANSPLANTE

ESQUEMA SIMPLIFICADO DAS ETAPAS DA HOSPITALIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DO TRANSPLANTE ALOGÊNICO DE CÉLULAS TRONCO HEMATOPOÉTICAS



ANEXO 2: PROPAGANDA SHOPPING MUELLER PARA A CAMPANHA DO DIA DOS PAIS DE 2010.

HOJE É O MOMENTO DE PARAR O TEMPO.

Quando disseram que o tempo é relativo, acertaram em cheio.

Por exemplo: o fim de semana passa bem mais rápido que a segunda-feira.

Segundos de espera viram horas, horas de diversão, minutos.

Dias, semanas e anos só são exatos no relógio do pulso, não no da cabeça.

Mas quem disse que isso não tem um lado bom?

Porque assim algumas ocasiões podem se transformar em algo mais e parar o tempo.

O Dia dos Pais é uma delas.

Aproveite bem o dia de hoje e faça este momento durar para sempre.

Acesse shoppingmueller.com.br/diadospais
e transforme seu pai em notícia.

SHOPPING
Mueller. DIA DOS PAIS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **O Amor que acende a lua**. Campinas. SP: Papirus, 1999.

_____. **Tempus Fugit**. São Paulo: Paulus, 1990.

BAUCH-ZIMMERMANN, Elisabeth. **O ritual como continente psíquico da Transformação**. Cadernos Junguianos nº 1, 2005, p. 32-38.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

_____. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Medo Líquido**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BASTOS, Cláudio Lyra. **Tempo, idade e cultura**: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso. Parte II: Uma investigação sobre a temporalidade e a medicina. Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental. ano IX, n. , 2006.

BERGSON, Henri. **Essai sur les données immédiates de la conscience**. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.

BERLINCK, Manoel Tosta. (2000). **O que é psicopatologia fundamental**. São Paulo. Disponível em: fundamentalpsychopathology.org

BERTMAN, Stephen. (1998). **Hipercultura: o preço da pressa**. Coleção Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget.

BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. **Reflexões sobre o tempo**: instrumentos para uma viagem pelo ciclo vital. Psychê. vol.9, n.15, 2005, p.93-104. ISSN 1415-1138.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. 01. Petrópolis. Editora Vozes, 2002.

BRITO, Vera Maria de Miranda Leão de. **A personagem e o tempo**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), SP, 2006.

CANABRAVA, Vera Lúcia Giraldez. **A recusa do tempo e suas implicações na subjetividade**. Psicol. cienc. prof., , vol. 28, no. 2, 2008, p.330-343.

CARVALHO, Sônia Maria Marchi de. **Psicopatologia e Psicologia Analítica**. Apostila (s/d). Documento não publicado.

CECCARELLI, Paulo. **O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia**: dos pré-Socráticos à Aristóteles. Vol. 1, 2º ed., SP: editora Brasiliense, 1994.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOWNING, Christine. **Espelhos do Self**: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida. (Org.). Editora Cultrix, 1994.

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo**: Individuação e função religiosa da psique. Editora Cultrix: São Paulo, 1995.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. (2004). **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo.

FILHO, João Bernardes da Rocha & EINLOFT, Eunice de Faria; in Monteiro, Dulciné da Mata Ribeiro. **A Física do tempo na Psicologia Analítica**. in: *Espiritualidade e finitude: aspectos psicológicos*. São Paulo: Paulus, 2006.

FIERZ, Heinrich Karl. **Psiquiatria Junguiana**. Paulus, SP, 1997.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FREITAS, Laura Villares de. **Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana**. *Psicol. USP*, vol.16, no. 3, 2005, p.45-69.

GAARDER, Jostein. **O castelo nos Pirineus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-MARQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOUREVITCH, A. Y. **O tempo como problema de história cultural**. In: Ricoeur, Paul e outros. *As culturas e o tempo*. São Paulo: Edusp, 1975.

GRAUBART, Sílvia. **A ética dos encontros descartáveis**. In: *Revista mente e cérebro*. Duetto. Edição 170, 2007.

HIRATA, Ricardo. **O complexo de chronos e descompasso emocional**. In: www.dialogosdoser.com, 2005.

HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. Vozes, Petrópolis, 1993.

_____. **Psicologia Arquetípica**. Cultrix, SP, 1995.

_____. **Uma Busca Interior em Psicologia e Religião**. São Paulo: Ed. Paulinas 1984.

_____. **O código do ser**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

_____. **Cidade e alma**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1992.

_____. **Pais e mães**. São Paulo: Símbolo, 1979.

_____. **Estudos da Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

JASPERS, Karl. **Psicopatologia geral**. A Vintage Book, New York, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Obras Completas. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Psicologia e Alquimia**. Volume XII. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 1944.

_____. **Tipos Psicológicos**. Volume VI. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 1991.

_____. **A prática da Psicoterapia**. Volume XVI. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 2004.

_____. **Sincronidade**. Volume VIII/ 3. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 2003.

_____. **Mysterium Coniunctionis**. Volume XIV. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 1988.

_____. **Estudos Experimentais**. Volume II. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 1995.

_____. **Psicologia e religião**. Volume XI/1. Obras Completas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Energia Psíquica**. Volume VIII/1. Obras Completas. Vozes, Petrópolis, 1985.

_____. **Homem à descoberta da sua alma**. Livro III: os sonhos. Porto: Tavares Martins, 1975.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol. IX/1. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2008.

_____. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Nova Fronteira, RJ, 1975 e 2000.

KLIMES, Helena, Botelho Gomes. **Dicionário da Língua Portuguesa Larousse**. São Paulo: Editora Universo, 1992.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

MILAN, Marília Pereira Bueno. **A experiência subjetiva com o tempo no mundo contemporâneo: ressonâncias na clínica psicanalítica**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP, SP, 2001.

MOURA, G. C. M. Urgência Subjetiva e Tempo – O que é isto? **Psicanálise e Hospital** – 3. Tempo e Morte: da Urgência ao Ato Analítico. RJ: Editora: Revinter, 2003.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROBBINS, Lois B. **O despertar na era da criatividade**. Trad. Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Editora Gente, 1995.

REMEN, Rachel N. **O Paciente como Ser Humano**. São Paulo: Summus, 1993.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **O Tempo mítico hoje**. In: Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Aprendendo a viver**. tradução de Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre/RS: L&PM, 2010.

STEIN, Murray. **No meio da vida**. São Paulo: Paulus, 2007.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ULSON, Glauco. **A vivência do Tempo na Terapia**. Cadernos Junguianos n° 4, 2008, p. 7-18.

VISCOTT, David Steven. **A Linguagem dos Sentimentos**. São Paulo: Summus, 1982.

WENTH, Renata Cunha. **Alquimia e Psicoterapia**. 2001. Disponível em: www.ijpr.org.br/doc/artigos/Alquimia_e_Psicoterapia.doc Acessado em Setembro de 2008.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITROW, Gerald James. **O tempo na história: concepções do tempo na pré-história aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ZOJA, Luigi. **Carl Gustav Jung como Fenômeno Histórico-Cultural**. Cadernos Junguianos n° 1, 2005, p. 18-31.

Jornal Gazeta do Povo dos dias 1° e 8 de Agosto de 2010.